

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**

UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

NÍVEL MESTRADO

JOSÉ AFONSO DE VARGAS

## A ESTÂNCIA MISSIONEIRA DE YAPEYÚ

A Estância Santiago e o Passo do Aferidor

São Leopoldo - RS

2014

**JOSÉ AFONSO DE VARGAS**

## **A ESTÂNCIA MISSIONEIRA DE YAPEYÚ**

A Estância Santiago e o Passo do Aferidor

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale dos Sinos – UNISINOS.

Área de concentração: “Estudos Históricos Latino-Americanos”

**Professor Orientador: Dr. Pedro Ignacio Schmitz.**

**São Leopoldo - RS.**

**2014.**

V297e Vargas, José Afonso de.  
A Estância Missioneira de Yapeyú : a Estância Santiago  
e o Passo do Aferidor / José Afonso de Vargas. – 2014.  
98 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio  
dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2014.  
"Professor Orientador: Dr. Pedro Ignacio Schmitz."

1. História. 2. Estância missioneira. 2. Posto de criação.  
3. Posto de venda. 4. Arqueologia não interventiva de  
superfície. I. Título.

CDU 94

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecário: Flávio Nunes – CRB 10/1298)

**JOSÉ AFONSO DE VARGAS**

## **A ESTÂNCIA MISSIONEIRA DE YAPEYÚ**

Estância Santiago e Passo do Aferidor

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre, pelo  
Programa de Pós-Graduação em História da  
Universidade do Vale dos Sinos – UNISINOS.

Aprovado em 14 de Abril de 2014.

### **BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz – Orientador – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Prof. Dr. Sergio Celio Klamt – Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC

Prof. Dr. Jairo Henrique Rogge – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Prof. Dr. Marcus Vinícius Beber – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Dedico esta dissertação a minha mãe, Nair Silva de Vargas, pela referência de vida que tem sido.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Pe. Pedro Ignácio Schmitz, pela sua disponibilidade em orientar-me neste projeto.

Aos professores do PPG em História da UNISINOS, pelos encontros, que foram fundamentais neste estágio da formação acadêmica.

A conclusão deste projeto somente foi possível devido à compreensão e disposição dos proprietários das terras onde os sítios pesquisados estão instalados: o Senhor Altair Leão, no Passo do Aferidor, e o senhor Jorge Omar Borges Ferreira, da Agropecuária Yapeyú, assim como, sua filha Liliane a proprietária da porção de terra onde está as ruínas da Estância Santiago.

Aos amigos que aceitaram o convite de formarem a equipe que me acompanhou nas excursões aos sítios, Carmen Lúcia da Silva, Gilmar Romero da Silva e Mario Henrique Benites Pedelhes.

A Ana Cláudia Ribeiro, que possibilitou o meu acesso aos textos para o estudo das provas no processo de seleção para o mestrado. Mesmo estando distante, ela encurtou este caminho, tornando viável meu ingresso no mestrado.

Aos meus professores e amigos Cora Cecília Quevedo e Protásio Plesth, que me inspiraram a trilhar este caminho.

## RESUMO

A Estância de Yapeyú, pertencente à *Reducción Nuestra Señora de los Reyes Magos de Yapeyú*, ou simplesmente *Pueblo* de Yapeyú, compreendia um vasto território na margem oriental do Rio Uruguai, tendo como os outros delimitadores os rios: Ibicuí ao norte, Ibirapuitã ao leste, Queguay e Negro ao sul. Era uma estância essencialmente pastoril, iniciada com a compra de gado dos estancieiros de Corrientes, reforçada com a caça de gado da Vacaria do Mar no século XVII e começo do século XVIII, consolidada com intensa criação própria depois do primeiro quartel do século XVIII. A Estância de Yapeyú, devido a sua vasta superfície, foi organizada em postos de pastoreio, um dos quais seria a Estância Santiago, objeto do terceiro capítulo. Devido a suas boas condições de conservação é possível apresentar nela as estruturas físicas de um posto de criação, em grande escala, de gado destinado ao abastecimento regular do povoado e à venda de animais para outras reduções da Província Jesuítica do Paraguay. Implantado na margem do Rio Uruguai, em frente ao passo do rio que conduz à redução, estava o Passo do Aferidor, conhecido como o ponto de comercialização desse gado. Suas estruturas bem conservadas foram estudadas no capítulo quarto. O estudo desses dois locais permite visualizar, por primeira vez, as verdadeiras estruturas físicas de criação de gado das grandes estâncias missioneiras. O estudo é arqueológico, numa metodologia não interventiva, de superfície, baseada em observação, fotografia digital e imagens de satélite, que se mostrou adequada porque os objetos estão suficientemente conservados.

Palavras-chaves: Estância missioneira. Posto de criação. Posto de venda. Arqueologia não interventiva de superfície.

## RESUMEN

La Estancia de Yapeyú, perteneciente a la Reducción Nuestra Señora de los Reyes Magos de Yapeyú, o simplemente Pueblo de Yapeyú, se extendía por un amplio territorio en la banda oriental del río Uruguay y tenía como otros límites los ríos: Ibicuí al Norte, Ibirapuitã al Este, Queguay y Negro al Sur. Era una estancia esencialmente de pastoreo, iniciada con la adquisición de ganado de los estancieros de Corrientes, reforzada con la caza de ganado de la Vaquería del Mar en el siglo XVII y comienzos del XVIII, consolidada con intensa creación propia después del primer cuartel del siglo XVIII. La Estancia de Yapeyú, por su gran extensión fué organizada en puestos de pastoreo, de los cuales la Estancia Santiago, objeto del tercer capítulo, es un típico representante. Por las buenas condiciones de las ruinas es posible hacer visibles en ellas las estructuras físicas de un puesto de creación, en gran escala, de ganado orientado al abastecimiento regular del Pueblo y a la venta de animales para otras reducciones de la Provincia Jesuítica del Paraguay. Implantado en el borde del río Uruguay, frente al paso que lleva a la reducción, se ubicaba el Puesto del Aferidor, conocido como espacio de negociación del ganado. Sus estructuras bien conservadas son objeto de investigación del cuarto capítulo. El estudio de los dos sitios permite, por primera vez, una visión de las verdaderas estructuras físicas de creación ganadera de las grandes estancias misioneras. La investigación es arqueológica, con una metodología no interventiva, de superficie, basada en observación, fotografía digital e imagen de satélite, que se mostró adecuada porque los objetos están suficientemente conservados.

Palabras-llave: Estancia misionera. Puesto de creación. Puesto de venta. Arqueología no interventiva de superficie.



## **TABELAS**

Tabela 1: Quadro dos principais alimentos utilizados nas reduções em 1766.....	39
--	----

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1: Crescimento populacional do Pueblo de Yapeyú no século XVIII .....	22
Gráfico 2: Densidade demográfica do Pueblo de Yapeyú .....	24

## **LISTA DE MAPAS**

Mapa 1: Mapa hidrográfico da América Hispano-portuguesa .....	30
Mapa 2: As formações vegetais da área em que está a Estância de Yapeyú .....	37
Mapa 3: Mapa da Estância de Yapeyú de Bernardo Nussdorfer.....	45

## **LISTA DE CROQUIS**

Croqui 1: Planta da estrutura de pedra da Estância Santiago.....	50
Croqui 2: Desenho dos currais.....	62
Croqui 3: Planta do prédio de pedra no Passo do Aferidor.....	80
Croqui 4: Frente do prédio .....	87
Croqui 5: Fundos do prédio.....	88

## LISTA DE IMAGENS DE SATÉLITE

Satélite imagem 1: Limites da Estância de Yapeyú .....	45
Satélite imagem 2: Localização das estruturas e poteiros da Estância Santiago.....	47
Satélite imagem 3: Potreiro 1 com seus limites formados por vegetação de arbustos e o arroio Puitã na parte inferior .....	69
Satélite imagem 4: Potreiro 2, em divisa com o potreiro 1 limítrofe ao arroio Puitã. Este potreiro está cortado pela BR 472.....	72
Satélite imagem 5: Potreiro 3 com sua cerca de pedra na parte inferior da imagem .....	75
Satélite imagem 6: Na parte central da foto, o espaço cercado por árvores em frente à casa.....	76
Satélite imagem 7: Localização do sítio Passo do Aferidor; em sua frente a ilha de Yapeyú e o Pueblo. A montante do Rio Uruguai, no canto superior direito, vê-se a foz do Rio Ibícuí .....	78
Satélite imagem 8: Sítio Passo do Aferidor .....	79

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Vista geral das ruínas do prédio .....	51
Fotografia 2: Canto A mostrando o encontro da parede da frente com a lateral direita do espaço 2.....	51
Fotografia 3: Canto A mostrando o grande bloco sobre o qual se assenta o ângulo da parede.....	52
Fotografia 4: Parede da frente do espaço 2 junto ao canto A.....	52
Fotografia 5: Parede lateral esquerda do espaço 1.....	53
Fotografia 6: Ângulo D, da parede lateral esquerda com a de fundo no espaço 1 .....	53
Fotografia 7: Meio da parede de fundo do espaço 1 .....	54
Fotografia 8: O ângulo E, o encontro da parede de fundo do espaço 1 com a parede central. No lado direito, o começo da parede de fundo do espaço 2. O encontro das duas insinua uma descontinuidade.....	55
Fotografia 9: Encontro da parede central (à esquerda na foto) com a da frente, no espaço 2, visto do lado de dentro.....	55
Fotografia 10: Em cima, ângulo do encontro da parede de fundo do espaço 1 com a parede central. No centro, o começo da parede de fundo do espaço 2.....	56
Fotografia 11: Parede de fundo do espaço 2, em continuação da foto anterior.....	57

Fotografia 12: As raízes alinhadas da figueira testemunham que cresceram coladas à parede de fundo do espaço 2, que desapareceu e que teria sido de pau a pique .....	57
Fotografia 13: Vista geral do Espaço 2 a partir do canto F. No lado esquerdo veem-se as raízes da figueira da foto anterior .....	58
Fotografia 14: Vista sobre o espaço 1 e o espaço 2 a partir do lado direito do prédio, mostrando uma grande abertura na parede lateral do espaço 2 e uma abertura menor na parede que divide os dois espaços.....	59
Fotografia 15: Parede que divide o prédio em espaço 1 e espaço 2. Vista do fundo para frente do prédio .....	59
Fotografia 16: A foto mostra o ângulo da cerca da frente (à direita) com a cerca do lado esquerdo do curral retangular. O bloco em pé reforça o ângulo do encontro .....	63
Fotografia 17: A mesma vista com pequeno ângulo de diferença. A cerca é de fileira dupla de pedra, com espaço entre elas, o que insinua que ao meio implantava-se uma paliçada de troncos, que a pedra do ângulo reforça .....	63
Fotografia 18: Muro lateral esquerdo visto do fundo para frente, com a pedra angular ao fundo .	64
Fotografia 19: Muro frontal retangular mostrando ao fundo as duas pedras grandes que marcam a entrada principal do curral. Em primeiro plano, uma grande pedra que pode ser um reforço estrutural para a cerca .....	64
Fotografia 20: Grandes blocos na parede de fundo do curral retangular com um vão de 0,60 m entre eles .....	65
Fotografia 21: Cerca da lateral direita do curral retangular, de parede aparentemente simples .....	65
Fotografia 22: Parede lateral esquerda do curral retangular com bifurcação para o curral semicircular .....	66
Foto 23: Restos da parede do curral circular, mostrando duas filas paralelas de pedras, que distam 1,20 m uma da outra e provavelmente representam o reforço da base de uma estacada de troncos .....	66
Fotografia 24: Uma das entradas do curral circular. O lado direito mostra claramente reforço típico da parede junto às entradas; no outro lado ele está mais disfarçado .....	67
Fotografia 25: Curral circular da Estância Minuano, em Aceguá, que ilustra com teria sido um curral circular missioneiro .....	67
Fotografia 26: Um remanso no Arroio Puitã .....	70
Fotografia 27: Lugar de acesso ao Arroio Puitã .....	70

Fotografia 28: Vala no limite leste do potreiro .....	71
Fotografia 29: Vista do potreiro 1 em direção à mata que esconde o prédio e os currais.....	71
Fotografia 30: Vestígios de cerca de pedra no lado norte do potreiro 2.....	73
Fotografia 31: Vestígios de cerca de pedra, com parede dupla, no limite norte do potreiro 2 .....	73
Fotografia 32: Mata acompanhando vala no divisor entre o potreiro 2 e o potreiro 1 .....	74
Fotografia 33: Vista do espaço em frente do prédio, cujas ruínas estão no fundo da foto.....	76
Fotografia 34: Vista da frente do prédio e coluna F .....	81
Fotografia 35: Vista parcial da frente do prédio com duas portas, com os marcos rebocados. No canto esquerdo, a mureta de pedra do primeiro anexo.....	81
Foto 36: Mureta do primeiro anexo.....	82
Foto 37: Esquina reforçada da mureta no encontro com a parede transversal .....	82
Foto 38: Fundo do primeiro anexo, parede lateral e fundos do prédio .....	83
Foto 39: O fundo do prédio com uma porta e uma janela originais .....	84
Foto 40: Anexo 3 com a parede noroeste do prédio.....	84
Foto 41: O espaço da foto anterior .....	85
Foto 42: Parede do fundo, mostrando a típica forma de construção das reduções: uma base de pedra sobre a qual se constrói um muro de pedra, como na foto, ou um muro de adobe, como é sugerido para o anexo 1 .....	85
Foto 43: Fundos do prédio, com o telhado ainda feito de capim caninha e os marcos das aberturas ainda originais. Registro fotográfico do ano de 2006.....	86
Foto 44: Poço no campo da frente do prédio .....	89
Foto 45: No centro da foto aparece o prédio; à direita, protegida pela mata, a primeira cerca de pedra .....	90
Foto 46: Vista da segunda cerca de pedra.....	90
Foto 47: Construção da primeira cerca de pedra .....	91
Foto 48: Recinto fechado por árvores, no fundo da casa .....	91
Foto 49: Cerca formada por capim caninha, vestígio de antigo cercado .....	92
Foto 50: Acesso dos cercados de cima para planície de inundação do Rio Uruguai .....	92
Foto 51: Pastos da planície de inundação, tendo à frente a Ilha de Yapeyú e vau do Rio Uruguai	93

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>A REDUÇÃO NUESTRA SEÑORA DE LOS REYES MAGOS DE YAPEYÚ .....</b>	<b>19</b>
<b>3</b>	<b>A ORIGEM DO GADO E A FUNDAÇÃO DE ESTÂNCIAS NA MARGEM ORIENTAL DO RIO URUGUAY .....</b>	<b>28</b>
<b>4</b>	<b>A ESTÂNCIA SANTIAGO.....</b>	<b>47</b>
<b>4.1</b>	<b>O Prédio.....</b>	<b>49</b>
<b>4.2</b>	<b>Os Currais .....</b>	<b>61</b>
<b>4.3</b>	<b>Os Potreiros.....</b>	<b>69</b>
4.3.1	O Potreiro 1 .....	69
4.3.2	O Potreiro 2 .....	72
4.3.3	O Potreiro 3 .....	75
<b>4.4</b>	<b>O espaço em frente da casa.....</b>	<b>76</b>
<b>5</b>	<b>O PASSO DO AFERIDOR .....</b>	<b>78</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>95</b>
	<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>97</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Estância Yapeyú é mais conhecida pela lenda do que pela história. Da história muito pouco se conhece, mas a lenda ligada à presença dos padres jesuítas na Fronteira Oeste do atual Rio Grande do Sul, especialmente no que se refere a, quando de sua expulsão, terem deixado escondidos os seus tesouros nesta região, é muito divulgada.

Justamente tentando preservar estes dois pontos, a História e a Lenda, é que um pecuarista interessado em História, escritor do cotidiano do homem do campo, encaminhou ao Campus Uruguaiana – PUCRS uma carta solicitando apoio em um de seus projetos, que seria tomar as ruínas da “Estância de Yapeyú”. Hoje sabemos que estas são as ruínas da Estância Santiago, a sede da Estância de Yapeyú.

Este senhor, Ricardo Duarte, muito preocupado com a preservação deste patrimônio histórico, dedicou-se a fazer um croqui das ruínas e propôs algumas suposições de caráter leigo, que despertaram o interesse por esta pesquisa, com o enfoque de entender melhor a presença do projeto das missões na dita região.

Ele comenta que as ruínas seriam da cela dos padres. Este foi o absurdo que causou o interesse pela arqueologia histórica do local. Duas celas de padres no meio do campo aberto, entre currais e poteiros, era algo bem inusitado. Não existia fundamentação nenhuma nesta hipótese, especialmente tratando-se de jesuítas. Desta maneira deu-se início ao estudo do tema ainda na graduação, buscando conhecer mais sobre as Missões, as Reduções e a Estância.

Entender as diferenças entre missões e reduções foi o primeiro passo. A trajetória dos jesuítas pela América Espanhola foi um novo momento, e como entraram na região do Tape, outro momento ainda. Além dos demais aspectos com suas respectivas fases, contribuíram para conhecer as missões e as reduções. Então era chegado o momento de saber o que era uma estância missioneira. Neste ponto, a pesquisa tornava-se mais interrogativa do que elucidativa: apresentava mais interrogações do que respostas, e outras tantas lacunas, especialmente para uma realidade local que tem sua formação cultural originária das estâncias da Fronteira Oeste do Estado.

A falta de clareza a respeito da forma desta estância nos séculos XVII-XVIII levava quase à impressão de estar estudando um objeto fora do contexto, e estas interrogações despertaram a inquietude quanto ao objeto.

No trabalho de conclusão da graduação foram identificadas duas frações da estância de Yapeyú, a Estância Santiago e o Passo do Aferidor. Foram, assim, descobertas as estruturas e

identificadas as fontes para um estudo posterior. Criou-se o momento de saber para que estas estruturas serviam e de que maneira este complexo funcionava, a partir dos registros deixados pelas ruínas da Estância do *Pueblo* de Yapeyú.

Através da pesquisa historiográfica realizada na graduação, identificou-se a ausência de informações quanto à dinâmica das estâncias dos séculos XVII e XVIII, especialmente as administradas pelos jesuítas. Esta dificuldade foi o estímulo para buscar respostas no mestrado, através da Arqueologia Histórica, por não haver estudos sistemáticos de estruturas materiais de criação e negociação de gado nas estâncias missioneiras.

Se na graduação o estudo deu-se através da pesquisa histórica e bibliográfica de leigos sobre as missões jesuíticas, a alternativa para entender melhor a dinâmica do empreendimento foi buscar resposta no mestrado, e teria de ser no Instituto Anchietano, na UNISINOS. Esta foi uma observação que o Prof. Ms. Flamarion Gomes, orientador na graduação, fez: “se quiseres saber mais dos jesuítas, procura o Instituto Anchietano na pessoa do Pe. Ignacio Schmitz S. J.”.

Agora, com o mestrado, o foco seria outro. Seria explorar a Estância de Yapeyú através destes dois sítios e tentar ligar um ao outro dentro de suas funcionalidades, buscando identificar, através de suas estruturas, a importância e funções de cada um para a *Pueblo* de Yapeyú.

Estas duas ruínas da antiga estância de Yapeyú foram objeto de trabalho com o propósito de mostrar como eram as instalações de criação e de negociação do gado. As instalações de criação são apresentadas na Estância de Santiago, as de negociação, no Passo do Aferidor.

A Estância Santiago é formada pela base de um prédio, as estruturas de base dos currais e os limites dos poteiros. A estância está ligada ao arroio Puitã, delimitador importante quanto ao manejo do gado, tanto para o cercamento como para o fornecimento de água e garantia de pastagem para o rebanho. Com isso a estância tem seus limites definidos e condições para potencializar a dinâmica do estabelecimento.

O sítio localizado no Passo do Aferidor tem como função básica oferecer um exemplo comparativo, através do prédio que ainda se encontra em pé, para interpretar a base do prédio da Estância Santiago. Ainda que estes prédios não sejam semelhantes em suas dimensões, têm semelhanças quanto a suas bases. Os eventuais currais e poteiros não são tão evidentes no Passo do Aferidor como na estância Santiago, mas existem duas grandes cercas de pedra que,

partindo dos lados do prédio, teriam fechado um grande espaço contra o rio, onde se manteria a tropa de gado destinado à comercialização. Divisões menores dentro deste espaço são insinuadas, mas difíceis de precisar.

Esta pesquisa arqueológica teve como técnica a observação do registro documental, especialmente a fotografia digital com aparelho e de satélite do *Google Earth*. A meta: apresentar e descrever as estruturas, mostrar suas técnicas construtivas e funções, caracterizar a Estância Santiago enquanto criadora de gado e o Passo do Aferidor como negociador dessa produção.

Para um enquadramento histórico foi utilizada uma bibliografia tradicional.

O trabalho carece de uma pesquisa documental histórica, mas esta é uma outra etapa, não a de um mestrado de dois anos.

É fundamental a etapa vencida. Das numerosas estâncias das reduções jesuíticas esta é a primeira que tem suas estruturas descritas e documentadas com detalhe. O trabalho contradiz muitas afirmações pseudo-históricas sobre a estrutura dessas estâncias.

O trabalho foi dividido em quatro capítulos.

O primeiro conta brevemente a história da *Reducción Nuestra Señora de Los Reyes Magos de Yapeyú*, ou *Pueblo de Yapeyú*, fundada em 1627 com a finalidade de ocupar as terras mais meridionais da província Jesuítica do Paraguai e, com isso, expandir as fronteiras da Coroa Espanhola para o leste do continente; em um primeiro momento, como uma redução que buscava converter os índios pampianos – Charruas, Minuanos e Yaros – e, em um segundo momento, atuando como barreira à expansão portuguesa. Esta redução dominava as vias de navegação do Rio Uruguai, favorecendo a comunicação entre o porto de Buenos Aires e os *pueblos* que ocupavam ambas as margens deste rio.

As estâncias formavam as principais fontes de desenvolvimento econômico e cultural do *Pueblo de Yapeyú*, motivo para, no início do século XVIII, ter relevante acréscimo populacional e, na segunda metade daquele século, mesmo com menor expressão, manter este crescimento.

Os principais revezes para a demografia do *Pueblo de Yapeyú*, assim como para as demais reduções, dão-se por conta das epidemias e da ineficiência dos administradores leigos que assumiram a coordenação do *pueblo* após a expulsão dos Jesuítas, gerando abandono da redução pelos índios, que buscaram ocupação em Buenos Aires, em outras cidades e em estâncias espanholas.



O segundo capítulo aborda o processo de introdução do gado *vacum* na região do Tape, com a compra dos primeiros rebanhos de gado pelas reduções que ocuparam a região, a dispersão deste em direção ao Rio Ibicuí quando as primeiras reduções do Tape foram obrigadas a transmigrar para o lado direito do Rio Uruguai, e a formação, com este gado, da Vacaria do Mar, que foi uma das principais fornecedoras de animais para a formação da estância de Yapeyú.

O *Pueblo* de Yapeyú iniciou a estância, no século XVII, comprando gado dos estancieiros de Corrientes. Anos mais tarde, ainda no século XVII, depois da fundação da Colônia de Sacramento e no começo do século XVIII, passou a buscar este gado na Vacaria do Mar.

A captura continuada de gado nesta vacaria possibilitou a Yapeyú ter a maior estância da Província Jesuítica do Paraguai, seguida pela de São Miguel. As estâncias das outras reduções eram consideravelmente menores.

Dela foram estudadas as estruturas da chamada Estância Santiago e as do chamado Passo do Aferidor. Elas surgiram na primeira metade do século XVIII e sua extensão atual deve corresponder ao que elas eram por ocasião da expulsão dos jesuítas em 1768.

As estruturas da Estância de Santiago são estudadas no terceiro capítulo. Ela está ancorada no arroio Puitã, cuja confluência com o Rio Uruguai dista aproximadamente 9 km; era o lugar da criação e manejo do gado. As estruturas mostram como estava organizado o espaço, com a casa-sede, os currais, os poteiros e o lugar de recepção na frente da casa. As estruturas estão suficientemente conservadas para se ter uma ideia de sua distribuição, funcionalidade e técnicas construtivas.

O quarto capítulo aborda o Passo do Aferidor, o lugar de negociação do gado produzido, junto ao rio. Sua casa-sede, toda construída em pedra, está conservada e ocupada, o que permite estudar seus espaços e suas técnicas construtivas. Ela teria sido o posto de negociação, de contagem de gado no ingresso e na saída da estância, com uma conseqüente maior presença dos administradores do povoado. O fato de a casa estar conservada facilita a compreensão da casa da Estância Santiago, da qual só os fundamentos de pedra estão preservados; a parede teria sido de adobe.

Como a função do Passo do Aferidor não era a criação de gado, mas sua negociação, nele não se conhecem currais e poteiros delimitados, mas um grande cercado entre a casa e o rio. Este espaço é separado do campo aberto por uma cerca de pedra de seiscentos metros que

sai de um lado da casa, e por outra cerca igual, de 160 m, que sai do outro lado da casa. Os demais lados deviam ser formados por faixas de árvores. Neste grande espaço delimitado ficariam guardadas as tropas de gado destinadas à transferência para o *Pueblo* ou à venda para outras reduções.

O trabalho descreve, ilustra e, até certo ponto, interpreta dois espaços da maior estância das reduções jesuíticas, criando um modelo com os elementos observados. Como esta observação foi de superfície, evitando qualquer intervenção no terreno e nas estruturas e sem contar com minucioso apoio de documentação escrita, que são etapas futuras, pode haver interpretações erradas. A documentação arqueológica produzida, porém, já serve para contradizer muitas afirmações ditas históricas e muitas lendas populares, bem como mostrar o verdadeiro sentido e valor dessas estruturas que são rico patrimônio na formação da identidade do povo do Rio Grande do Sul.

## 2 A REDUÇÃO NUESTRA SEÑORA DE LOS REYES MAGOS DE YAPEYÚ

A origem e justificativa do nome deste povoado está na sugestão do Procurador Geral Pe. Juan Luis de Zayas, que atuava em Buenos Aires e escrevia ao *Patronazgo Real*, responsável pelo reconhecimento das novas povoações. Foi um total de seis reduções reconhecidas naquele momento: San Nicolás de Piratiní, San Francisco Javier de Céspedes; Ibicuití, Nuestra Señora de la Concepción; Santa Maria del Iguazú y **Nuestra Señora de los Reyes Magos de Yapeyú**. O Governador de Buenos Aires, Francisco de Céspedes, aprovou e ratificou estes povoados em 22 de junho de 1627, de acordo com as normas impostas pela Coroa para o exercício do Patronazgo.<sup>1</sup> O nome do *pueblo* é uma referência aos Reis Magos, que teriam aparecido por ocasião do nascimento de Jesus Cristo, nos arredores da cidade de Belém. Yapeyú significa, segundo Zervino<sup>2</sup>, “rio de superfície amarela”, o Rio Uruguay.

Nesse período o Provincial do Paraguai era o Padre Mastrili Durán, relator das Cartas Anuas de 1626-1627. Na oportunidade ele descreve a importância da redução Nuestra Señora de los Reyes Magos de Yapeyú, povoado de Yapeyú:

Por esto jusgue siempre de suma importanzia, que ocupava la companhia este puesto, porque aseguraba por sui ala conversion de toda esta província, i de los del Rio Ivicuití, que tambien es parte dela, i nos aciamos señores del passo para suvir i vajar a Buenos Ayres, cosa de suma importanzia para el governo i comodidade destas reducciones por la brevedad del caminno, respeto del que se andaba antes que este se abriera. Y todo esto se ponía a contingencia, si los Indios deste puesto no estaban a nuestra obediencia. (CARTA ANUA 1626-1627, pag. 367-368)

Não se tratava apenas de um trabalho de conversão dos índios Charruas, Yaros e outros, mas uma exploração econômica do Rio Uruguay, como via de acesso às reduções que na época ocupavam ambas as margens deste rio, como forma de penetração na região do Tape e alternativa de caminho para as reduções que ficavam no território do Paraguai e do Guairá. Seria uma economia no sentido de escoamento da produção, mas, especialmente, no de redução de tempo, porque os povoados estavam centralizados em uma grande região. Mesmo que a territorialidade da Província Jesuítica fosse expressiva, a ocupação urbana tinha suas

<sup>1</sup> “[...] como consta en el Archivo General de la Nación.” – **La Gloria de Yapeyú**. Inst. Nac. SanMartiniano. Edicion de la Direccion de Publicaciones del Instituto Nacional San Martin. 1978.

<sup>2</sup> La Gloria de Yapeyú, 1978, pág. 39.

limitações dentro daquele vasto território. Um exemplo era o domínio do *Pueblo* de Yapeyú, com sua estância de gado *vacum* na margem oriental do Rio Uruguay. Era a formação de um *pueblo* na proximidade de um território devoluto. Alguns quilômetros acima, no mesmo rio, estavam sendo implantados outros *pueblos* com o objetivo de cobrir maior territorialidade, em razão de que, na margem ocidental, o território estava sob ocupação de colonos espanhóis, e a região do Tape encontrava-se disponível para ocupação. O *Pueblo* de Yapeyú era uma “passagem” entre ambos os territórios – o conquistado e aquele a ser conquistado –, o que garantiria a estabilidade e segurança do povoado neste território, tendo os índios como ocupantes; justificava, assim, a criação de uma ocupação territorial com a fundação de um *pueblo* e a criação de uma estância que podia dispor dos rebanhos da grande Vacaria do Mar.

Tanto o *pueblo* quanto a estância estavam em uma região de confluência de vários povos indígenas, sujeitos às instabilidades dos nativos não cristianizados, o que atrasava sua consolidação, mas tornava-os importantes como base para incursões apostólicas na região. “*Es esta reducción la más austral de las del río [Uruguay] y es como trinchera contra las invasiones de los brasileños. Es muy expuesta a los asaltos de las tribos salvajes del alrededor.*” (FRANZEN; FLECK; MARTINS, 2008, p. 85, sem grifo no original). Os indígenas que ocupavam ambas as margens do Rio Uruguay eram os Charruas, os quais, em alguns momentos, procuravam a redução, Em outros, eram convertidos mediante prisão em momentos de confronto com os guaranis reduzidos em Yapeyú: eles eram ameaça ao êxito do *pueblo* e da estância. A intervenção missionária tem como interesse a ocupação territorial e realiza-se com a migração de guaranis para a região do pampa, o que provoca atrito com as tribos dos charruas.

O *Pueblo* de Yapeyú teve sua localização baseada no sistema hidrográfico do Rio Uruguay:

Está a orillas del río Uruguay sobre otro que entra en él, llamado Yapeyú, distante treinta leguas río abajo de la Concepción, ciento del puerto de Buenos Aires, y es la más cercana que a él tenemos. De esta reducción comienza propiamente río arriba la nación de los indios del Uruguay, que aunque sus tierras corren con el río hasta el de la Plata, como dijimos, pero están habitadas de los indios charrúas, yaros, y otras naciones inhumanas y bárbaras que ni tienen casas, ni sementeras, ni lugar determinado, y se sustenta continuamente de la caza y pesca cotidiana. (CARTA ANUA de 1626, p. 367)

Desta maneira o *Pueblo* de Yapeyú tem uma função inicial bem específica, que é expandir a missão para outros povos além dos Guaranis, buscando atingir os índios Charruas e as demais etnias que ocupam estas margens do Rio Uruguay que

[...] no se han inclinado jamás a nuestra santa fe, ni acomodado a reducirse al trato popular, y así viven de robos e insultos, y de cautivar los que pueden rendir de las naciones vecinas, para venderlos por esclavos a los españoles. (CARTA ANUA 1626, p. 367).

Nos relatos de Durán, este também explica os motivos que ocasionaram os atrasos com a fundação do *Pueblo* de Yapeyú:

[...] Quando volvi de Guayra confirmandome cada dia mas en que convenia ocupar este puesto, me determine ir yo alla en persona con el Pe. Roque y Pe. Pº Romero, i dar principio a fundacion con los índios que allase por pocos que fuesen. Hizimos nuestro viage, i allamos solo tres casas con cien Indios. los quales me recibieron con alegria, i repartiendoles algunas cosas que yo llevaba para ganarles las voluntades nos quedaron mui amigos, i gustaron mucho de que quiereseamos fundar ali pueblo; dando ellos principio a el con mucho contento, a quatro de febrero del año passado de 27. I lo tomaron tan de veras que antes de partirme de ali avian ia cortado maderá para levantar una buena Iglesia en el sitio que yo les señale, i dado principio a desmontar para las sementeras, que es la primera cosa que se hace en la fundación de cada una de las reducciones, porque no usan los Indios sembrar en campo descubierto, por estar la tierra mas gastada, i asi no se logran las sementeras, pero como en los montes esta la tierra defendida con los arboles, que son mui coposos se converva mas humeda, i pingue, i vuelve muy colmados frutos. (CARTA ANUA 1626, p.368)

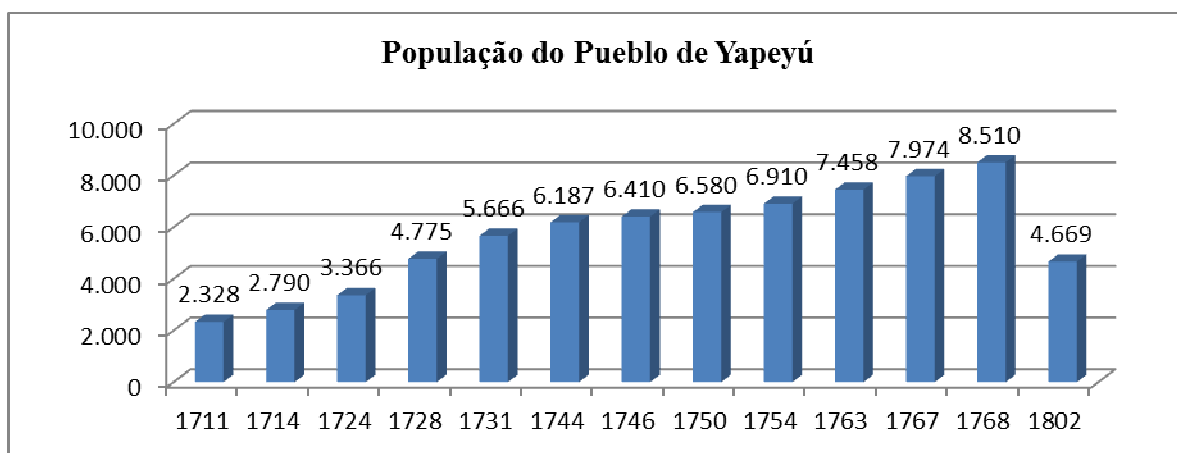
O principal atraso na fundação do *Pueblo* de Yapeyú deveu-se à falta de índios catequizados para as condições de povoamento, especialmente por tratar-se de um território afastado dos demais *pueblos* e cercado de indígenas que não estavam habituados com a proximidade de povoados e reduções; eles poderiam ser uma ameaça a um povoado distante dos outros daquele período. O funcionamento comunitário de uma redução vai além de seu domínio direto, dependendo de cooperação entre as reduções para garantir a sobrevivência do projeto.

Além das finalidades religiosas que a missão busca atender no instante em que se fixa em determinada região, sua posição geográfica, especialmente no caso da redução de Nuestra Señora de los Reyes de Yapeyú, tem um princípio mais político do que religioso: seus ocupantes são índios excedentes de outras reduções, que irão povoar o território mais

meridional da província jesuítica do Paraguai, entre Assunção, Buenos Aires e as demais reduções que passam a ocupar a região do Tape.

Apesar das dificuldades iniciais do povoado no século XVII, cujos dados demográficos desconhecemos, no século seguinte ele apresenta uma evolução populacional, especialmente por causa do crescimento econômico baseado na exploração dos rebanhos de gado comprados nas estâncias de Corrientes ou arrebanhados na grande Vacaria do Mar. O *Pueblo* de Yapeyú teve uma ocupação ascendente de indígenas nos anos de 1711 a 1768, conforme gráfico abaixo.

Gráfico 1: Crescimento populacional do *Pueblo* de Yapeyú no século XVIII

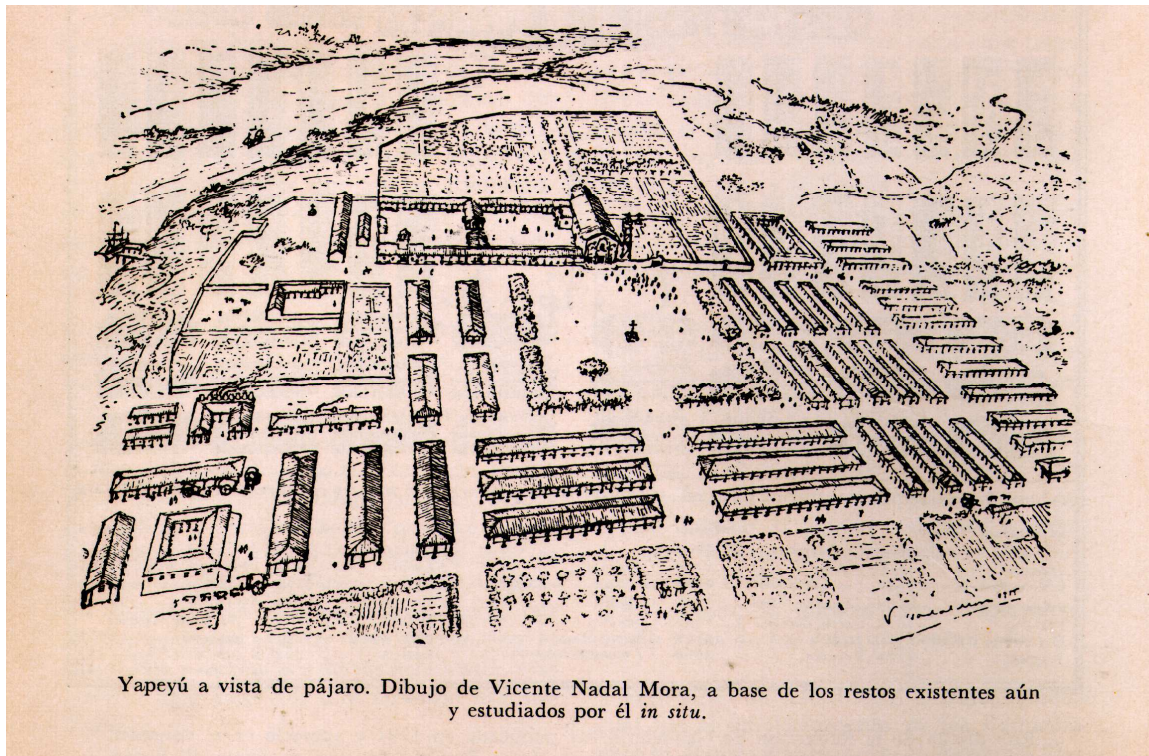


Fonte: Elaborado pelo autor.

A queda significativa no ano de 1802, com relação às décadas de 50 e 60 do século XVIII, deveu-se a falhas na administração laica do povoado e a uma peste de varíola nos primeiros anos do século XIX.

Provavelmente estes números não ficariam restritos ao espaço urbano do *pueblo*, mas estender-se-iam também aos postos de pastoreio distribuídos no território das estâncias – a estância Chica e a estância grande de Yapeyú. Os ocupantes dos postos de pastoreio pertenciam ao povoado.

Figura 1: Redução de Nuestra Señora de los Reyes Magos de Yapeyú.  
Dibujo de Vicente Nadal Mora.



Fonte: FURLONG, 1962, p. 188.

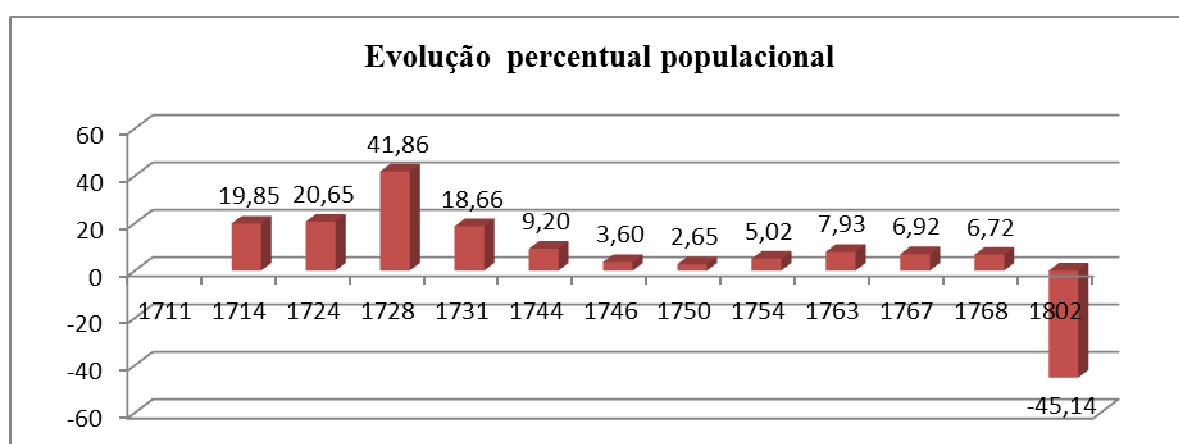
A imagem acima mostra a organização do *pueblo* com a praça central, a igreja, o pátio com a residência dos padres e oficinas, a grande horta em seus fundos; no canto esquerdo o Rio Uruguay e a ilha de Yapeyú; em sua margem um trapiche de embarque com um caminho tortuoso que leva ao interior do povoado; ao lado deste caminho um espaço murado com animais, que poderia ser o curral onde era guardado o gado para o abate. No centro da imagem, os prédios habitacionais e administrativos do povoado. Em primeiro plano, uma área de cultivo em canteiros.

A população do *Pueblo* de Yapeyú teve forte ligação com sua estância, que foi a principal responsável por seu desenvolvimento econômico e urbanístico, o que se explica pelas atividades desenvolvidas no *pueblo*, sendo as principais a venda de gado e a manutenção de uma fábrica de calçados, feitos com o couro do gado abatido na redução. Seu desenvolvimento cultural reflete-se na criação de uma escola de música com sua fábrica de instrumentos musicais, tais como violinos, cornetas, harpas, *chirimías*, guitarras e clavicórnios, trompas e órgãos (FURLONG, 1962, p. 484).

“Sabe-se que o crescimento natural das populações primitivas é lento. Isso se deve ao fato de que sua taxa de natalidade é muito alta e, ao mesmo tempo, é compensada por uma taxa de mortalidade igualmente elevada.” (MAEDER, 2012, p. 125). Não somente os fatores natalidade e mortalidade seriam responsáveis pela demografia dos índios reduzidos; a migração realizada entre reduções também contribuía para estes números.

O gráfico abaixo mostra o percentual de crescimento populacional relacionado aos anos conhecidos do *Pueblo* de Yapeyú.

Gráfico 2: Densidade demográfica do *Pueblo* de Yapeyú.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Não conhecemos a demografia do povoado no século XVII. O ano de 1711 não é, por isso, um ano zerado em relação ao número populacional, levando em conta que neste ano de 1711, o *pueblo* contava 2.328 indígenas. Este número serve de base para chegar ao percentual de 19,85% de crescimento em 1714, com 2.790 moradores. O ano de maior aumento é 1728, com 41,86% com relação ao ano-base de 1711, com um total de 4.775 moradores. Estes baixos índices devem-se especialmente: às obrigações dos índios reduzidos com o Estado, como agentes atuantes em momentos de crise, tendo de intervir em guerras para fortalecer o contingente do exército e permanecendo longos períodos distantes de suas famílias; à falta de condições para cumprir com suas obrigações no povoado para garantir o sustento dos seus; a longos períodos de seca, seguidos de enchentes, provocando desabastecimento; a doenças e epidemias, gerando momentos de instabilidade e insegurança quanto ao futuro do povoado (CARTA ÂNUA de 1735-1743). Outro fato gerado pelas guerras, doenças e epidemias é a



deserção dos indígenas, que também contribuiu para o baixo crescimento populacional (MAEDER, 2012, p. 128).

O ano de menor índice demográfico foi o de 1750, com 2,65% - 6.580 indígenas. Este número deve-se à interferência do Tratado de Madri, que passava ao domínio português os povoados da margem oriental do Rio Uruguai e, conseqüentemente, as estâncias, em troca da Colônia de Sacramento. Este tratado gerou a Guerra Guaranítica (1754-1756), que, além do *deficit* gerado com morte de índios por envolvimento na guerra, fez que as populações indígenas que ficaram nas reduções se evadissem para as matas em busca de segurança, buscando reocupar seus antigos habitats, mesmo que esta condição não fizesse mais parte de suas rotinas. Após o término da guerra guaranítica, os índios foram obrigados a voltar para suas aldeias missionárias. No início da década de 60 do século XVIII, os padres ainda buscavam índios que tinham fugido para as matas, para reocuparem seus espaços nas reduções (MAEDER, 2012. p. 130).

Nestes períodos o povoado manteve sua estrutura por estar à margem ocidental do Rio Uruguai, mas estava envolvido na Guerra Guaranítica porque sua principal economia era ameaçada pelo Tratado de Madri. Este tratado não passava o *Pueblo* de Yapeyú para o domínio português, mas sua principal estância, a de Yapeyú, era entregue aos portugueses.

Com a expulsão dos jesuítas do continente, decretada pelo rei Carlos III, em 27 de fevereiro de 1767, o governador de Buenos Aires percorreu pessoalmente as reduções, chegando ao *Pueblo* de Yapeyú, em julho de 1768, fazendo com que as ordens reais fossem cumpridas, e os jesuítas fossem substituídos por novos curas, que foram nomeados pelo vigário do bispado, Don Antônio de la Trinidad Martinez de Ybarra. Este bispo era o inimigo mais ferrenho dos Jesuítas na região do Rio da Prata. De Buenos Aires, os jesuítas foram embarcados diretamente para a Espanha.

O governador de Buenos Aires – Don Francisco de Paula Bucareli – dividiu as missões em duas regiões administrativas: a primeira compreendia os vinte *pueblos* ao ocidente e ao oriente do Rio Paraná, e a segunda, os outros dez povoados que ficavam nas margens do Rio Uruguay. A primeira região ficou sob a governança de Juan Francisco de la Riva Herrera, e a segunda região sob Francisco Bruno de Zavala. Para a organização política e administrativa, Bucareli redigiu em 1768 (23 de agosto) uma instrução, que foi inserida como *Adición*, em 15 de janeiro de 1770. Antes dessa *Adición*, o governo dividiu as missões em quatro departamentos.

- 1º *Candelaria*, correspondente ao *pueblo* que leva o mesmo nome, *Santa Ana, Nuestra Señora de Loreto, San Ignacio Miní, Corpus Christi, Jesús, Santísima Trinidad, Ytapua, San Cosme y San Damián, Santiago Apóstol e Santa Rosa*.
- 2º *Yapeyú*, com seu *pueblo*, *La Cruz, São Francisco de Borja e San Tomé*.
- 3º São Miguel, com seu respectivo povoado, São João Batista, Santo Ângelo, São Lourenço Mártir, São Nicolau e São Luiz Gonzaga.
- 4º *Concepción*, incluindo o seu povoado, assim como *San José, San Francisco Javier, San Carlos e Apóstoles*.<sup>3</sup>

Candelaria, assim como Yapeyú, foram designados para residência dos respectivos governadores de departamento. Cada uma das demais povoações receberia um tenente de governador. Bucareli completou o seu sistema em 1º de junho de 1770, com uma “*ordenanza para arreglar el comercio de los españoles con los indios Tapes y Guaraníes del Paraná y Uruguay*” (LABOUGLE, 1978, p. 125).

Depois de um bom crescimento demográfico houve rápida decadência. O período mais negativo para o *Pueblo* de Yapeyú é o ano de 1802, devido à administração laica do governo espanhol, que foi causa de diminuição e evasão de indígenas para as cidades em busca de recursos e de trabalho, onde eles foram reduzidos a mão de obra na construção civil, na agricultura, pecuária e no artesanato.

Uma agravante da situação foram as epidemias que atingiram tanto as cidades espanholas como os *pueblos* das missões, devido ao encontro destas duas populações – a europeia e a nativa do Novo Mundo –, ocasionando uma troca de doenças existentes entre os continentes. Jackson chama o sarampo e a varíola de “doenças de multidões”, porque se propagam facilmente em aglomerados humanos. A varíola geralmente matava crianças: “*a alta mortalidade de bebês em muitas comunidades de missões impedia o crescimento da população.*” (KERN; JACKSON, 2006. P. 201).

A diminuição no índice populacional pode estar relacionada também com o número de mães em potencial, “[...] *reduzindo a habilidade de reprodução das populações indígenas*” (KERN; JACKSON, 2006, p. 220) pelo desequilíbrio dos sexos, causada pela ausência de muitos homens envolvidos em atividades externas, longe das famílias. Esta ausência tornar-se-ia ainda mais sensível por ocasião de epidemias causadoras de numerosas mortes.

---

<sup>3</sup> Labougle, 1978, p. 121.

O *Pueblo* de Yapeyú, que apresentou um crescimento populacional regular durante a maior parte dos anos, teve, entre 1746 e 1750, um acréscimo populacional de apenas 2,65%, passando de uma população de 6.410 para 6.580 habitantes em 1750.

### 3 A ORIGEM DO GADO E A FUNDAÇÃO DE ESTÂNCIAS NA MARGEM ORIENTAL DO RIO URUGUAY

Na produção deste capítulo foram utilizados, principalmente, Arnaldo Bruxel (1960 e 1961), Mörner (1968), Carbonell (1992) e Maeder e Gutierrez (1995), sobre a origem do gado, sua dispersão para formar a Vacaria do Mar e sua organização posterior em estâncias.

A geografia nos ensina que a divisa das águas entre Atlântico e Uruguai, entre os formadores do Jacuhy, do Ibicuihy, do Jaguarão e Rio Negro, é de todas as regiões da Banda Oriental a mais limpa e a menos impedida de barreiras. E tendo-se dado o caso que precisamente na parte mais setentrional desta faixa se soltaram os gados que iriam formar a antiga Vacaria do Mar, não é de estranhar que tanto a conjectura como os dados históricos assinalem esta rota para a marcha do gado vacum na referida Vacaria do Mar (BRUXEL, 1960, p. 38).

Bruxel (1960, p. 11) organiza seu estudo nas cinco regiões geológicas do atual Rio Grande do Sul para explicar a movimentação do gado no século XVII e as formas como esta espécie ocupou os campos desse território. Iremos nos deter na região pampiana por ter-se dado nela o acesso do gado vacum ao território oriental, e por ser a região mais propícia à movimentação migratória e à proliferação desse gado, assim como é nesta região que se encontra o objeto de estudo proposto, a Estância de Yapeyú.

Trabalhar a questão da introdução do gado vacum na região do Rio Uruguai, especialmente na região dos pampas, demanda uma análise não somente histórica, mas também geográfica. Pontuar os prováveis locais de acesso, a hidrografia da região como fator, em alguns pontos, limitador, em outros, favorável à migração dos rebanhos em tempos de estiagem, tanto para o acesso à outra margem de um rio ou arroio, quanto para movimentação da tropa em busca de novos recursos hídricos.

A principal hidrografia para estudo será o Rio Uruguay com seus afluentes: o Rio Ibicuihy, o Rio Ibirapuitã, o Rio Quarahy, o Rio Queguay e o Rio Negro<sup>4</sup> (ver mapa 1). Para o estudo, o principal curso de água é o Rio Uruguay, de maior largura e maior extensão. Com sua nascente ao norte do território do Tape, corre no sentido norte-sul, dividindo a região em Entrerrios, que fica em sua margem ocidental, e o Tape, em sua margem oriental, desaguando na bacia do Rio da Prata.

---

<sup>4</sup> Neste capítulo, para análise hidrográfica, será utilizada a nomenclatura dos rios na língua espanhola, e territorialidade e não de fronteira, por se tratar de um período temporal anterior à ocupação dos portugueses na região

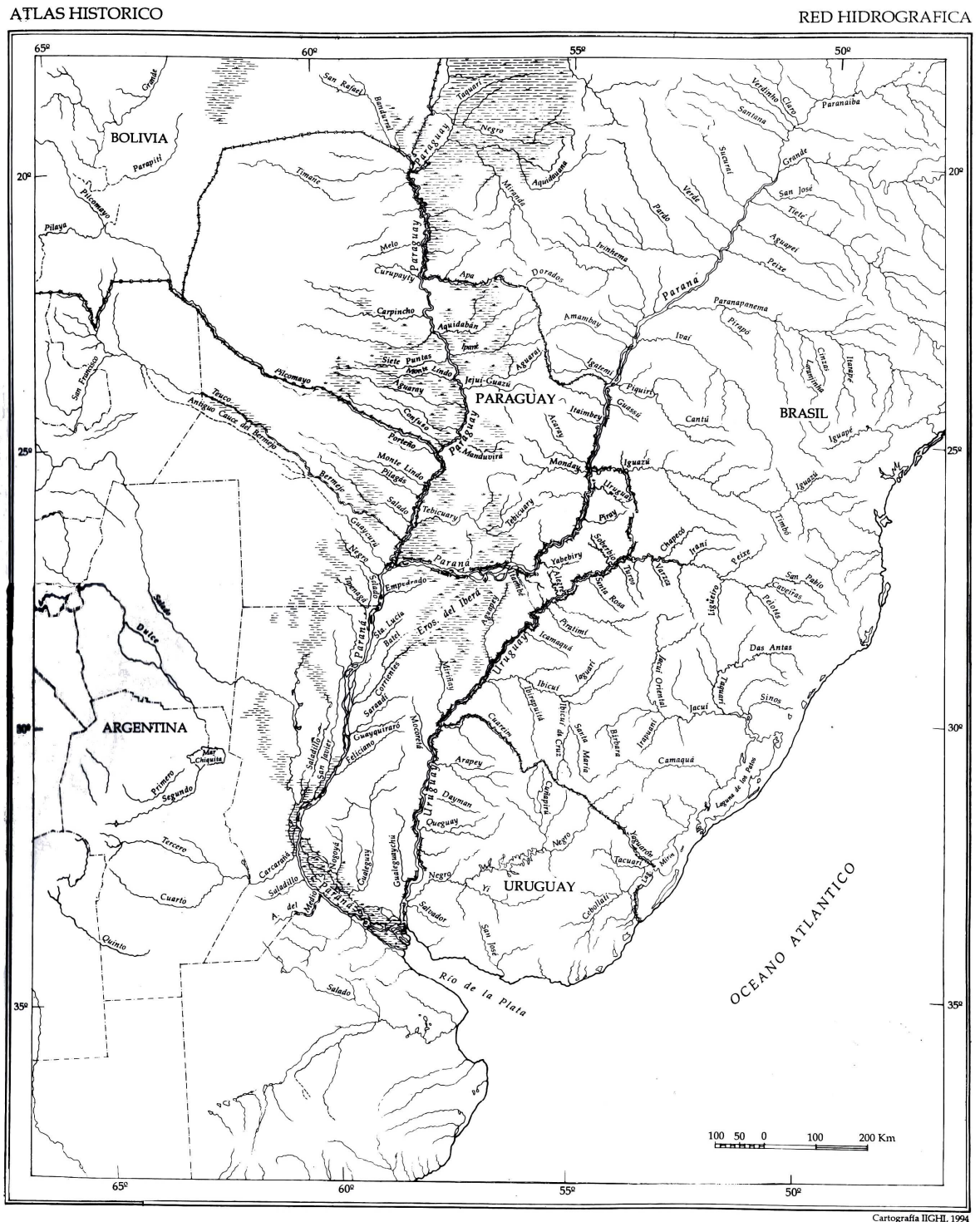
Los largos cursos fluviales han sido desde siempre las principales vías de penetración y comunicación en la región. Fueron utilizados ya por las migraciones de los aborígenes en la etapa precolombiana. Luego durante la conquista y con posterioridad a ella, la extensa red hidrográfica se convirtió en la principal vía de acceso, marcando el ordenamiento norte-sur de las principales ciudades a lo largo del Paraguay-Paraná, escalonándose entre Asunción y la desembocadura del Plata (MAEDER; GUTIERREZ, 1995, p. 22).

O Rio Uruguay será a principal via de acesso das reduções – as quinze reduções da primeira fase e as sete da segunda fase – à cidade de Buenos Aires, gerando relações comerciais com o transporte de mercadorias entre as missões do Tape e o principal porto da América Espanhola.

O porto de Buenos Aires era utilizado para baratear a logística e otimizar o tempo, favorecendo o desenvolvimento econômico da cidade, da redução de Nuestra Señora de los Reyes del Yapeyú e das reduções estabelecidas na região do Tape. O Rio Uruguay encurtava a distância entre a cidade de Buenos Aires, Assunção e as primeiras reduções fundadas na região. Oportunizava a diversificação econômica das reduções que faziam uso do rio para o escoamento de sua produção de erva mate e permitiu retomar, na segunda metade do século XVII, o sistema produtivo agropastoril dos Guaranis, interrompido nos anos de 1634 a 1637 com a invasão bandeirante.

A possibilidade de diversificação econômica deve-se à proximidade da redução de Nuestra Señora de los Reyes de Yapeyú à cidade de Corrientes, região dos grandes estancieiros da América Espanhola, provedores de gado para as reduções missioneiras; mas também se deve aos rebanhos afugentados pelos índios das reduções saqueadas pelos bandeirantes, os quais deram origem à Vacaria do Mar.

Mapa 1: Mapa hidrográfico da América Hispano-Portuguesa.



Fonte: MAEDER; GUTIERREZ, 1995, p. 23.

Na margem ocidental do rio encontravam-se o *Pueblo de Yapeyú* e a estância Chica, criatório de animais como ovelhas, cabras e muares; na margem oriental, a principal estância missioneira da segunda metade do século XVII, a Estância de Yapeyú, da qual estudaremos

dois sítios: a Estância Santiago e o Passo do Aferidor, o primeiro no interior do campo, o segundo na beira do rio, frente ao povoado.

Deve-se observar que o gado que ocupa a margem oriental do Rio Uruguay é proveniente da região entre os rios Paraná e Uruguay, rica em pastagens e aguadas. Este gado pertencia aos estancieiros de Corrientes e Santa Fé ou ao governo de Buenos Aires. Bruxel (1960, p. 18-19) alerta que o gado espontaneamente não teria condições ou necessidade de atravessar o Rio Uruguay.

Na região da Estância de Yapeyú, existem dois vaus de passagem no Rio Uruguay: o *Passo de Sant'Ana*, que fica ao sul do povoado de Yapeyú, não faz margem com nenhum *pueblo*, mas com a estância Chica, e o *Passo do Aferidor*, em frente ao *Pueblo* de Yapeyú (ver imagem de satélite 1). Por esta perspectiva, a transposição espontânea do gado pelo Rio Uruguay não se faria pelas características geográficas da região de Entrerrios, que possibilitava sua sobrevivência independente da interferência humana, também porque o gado ali não vivia solto, mas dentro das propriedades dos estancieiros de Corrientes, distantes do Rio Uruguay e mais próximas do Rio Paraná.

Bruxel utiliza a geografia da região da Campanha Sudoeste e Oriental do Rio Grande do Sul e do Uruguai para justificar a permanência do gado em suas pastagens, assim como para explicar as possibilidades e formas de migração destes animais para além dos limites naturais desta microrregião. Na região do Tape, no período de seca, a geografia transformava-se possibilitando migrações espontâneas do gado *vacum* para outros campos em busca de melhores condições para a sobrevivência, o que poderia representar a travessia de arroios e de rios em seus vaus, de um campo para outro. “[...] *o gado, em caso de necessidade, furaria entre cabeceiras ou em vaus, que por ventura haja nos respectivos afluentes*”<sup>5</sup>. Da mesma forma, nos períodos de cheias e de grandes quantidades de chuvas, formavam-se rios e arroios intransponíveis, servindo como delimitadores temporários de um campo para outro.

Para atravessar o Rio Uruguay, mesmo nos passos ou vaus, como o que está na frente do *Pueblo* de Yapeyú, seria necessária ajuda humana. Furlong descreve como, pelos rios maiores, ultrapassavam-se esses vaus:

Cuando querían trasladar mucho ganado de una a otra orilla de un río muy ancho y profundo, no es una persona, la que lo conduce, sino que dividen los

---

<sup>5</sup> Os afluentes a que Bruxel se refere são os da margem setentrional do Rio Ibicuíhy que chegam até as serranias e os da margem meridional que chegam às cabeceiras do Rio Negro (p. 18).

bueyes, mulas, etc. en grupos y detrás y a los lados se colocan jinetes. Al entrar el ganado al río forman los jinetes como un callejón perpendicular al agua, más estrecho cuanto más cerca de la orilla, y hacen que el ganado entre al agua de uno o de dos en dos. Inician la entrada algunos caballos y otros animales mansos y detrás los más rehacios o salvajes. Tienen especial cuidado en que no se molesten cuando están en el agua, impidiéndose mutuamente el nadar. Si ven que algún animal cede a la corriente o está para ahogarse brincan sobre él y le dan tantas coces y golpes que se vuelve valiente y llega con éxito al término de su viaje. Estos que en agua han tenido miedo suelen al llegar a tierra ponerse furiosos, sobre todo los toros que son más cobardes que las vacas para cruzar los ríos. La mejor manera de traspasar toros es atándolos por los cuernos a una hangada sencilla de suerte que colgando de ella puedan nadar sin dificultad. En esta forma, escribe Dobrizhoffer, pasó de la Reducción del Rosario o Timbó, al través del Paraguay, un rebaño de ganado vacuno, atándolos de veinte en veinte. Algunas veces se les lleva poniendo también unas maderas a los lados de los animales para impedir que los arrastre fuera del corral marítimo la fuerza de la corriente. De esos medios se valían los Españoles, pero no los Abipones, cuyo método ya se ha consignado. (GUILLERMO FURLONG, S. J. “Entre los Abipones del Chaco”, Buenos Aires, 1938, apud JAEGER. 1943. p. 17-18)

Esta seria uma forma segura pela qual o gado poderia ter sido introduzido na margem oriental do Rio Uruguay, utilizando o Passo do Aferidor. E o modo como o gado poderia chegar da estância de criação para o abate no povoado de Yapeyú.

Há diversos outros passos no Rio Uruguai pelos quais poderia ter sido introduzido o gado criado na margem oriental do rio. Uma transposição de gado foi realizada pelos *ginetes* de Hernandarias nas expedições de 1607-1608, de Santa Fé à Banda Oriental. Estas expedições, segundo Maeder e Gutierrez (1995, p. 36), teriam sido terrestres e fluviais pela necessária travessia (assistida) do Rio Uruguay para chegar à banda oriental. Outra foi realizada pelos *ginetes* do estancieiro Manuel Cabral, em 1634, na companhia dos guaranis do padre Cristóvão de Mendoza, fundador da primeira redução de São Miguel. Mendoza, “[...] tendo examinado as qualidades dos nossos campos e forragens naturais, persuadido da capacidade de eles alimentarem com facilidade grandes rebanhos” (JAEGER, 1943, p. 15), foi o responsável por comprar as primeiras 1.500 cabeças de gado do estancieiro português radicado em Corrientes para organizar a pecuária missioneira na região do Tape. A região que este gado ocuparia seriam as bacias do Rio Jacuhy e do Rio Pardo, não fazendo parte da Vacaria do Mar, mas permanecendo próximas às reduções estabelecidas na primeira fase das missões do Tape, de 1634 a 1636.

A introdução dos primeiros plantéis de gado na região do Tape tornou-se objeto de séria disputa entre os *criollos* platinos e os jesuítas, cada grupo reclamando a propriedade dos



rebanhos encontrados na Vacaria do Mar e seu uso legal a partir da fundação da Colônia do Sacramento e da retirada de animais para a formação das estâncias missioneiras, espanholas e portuguesas.

Tomando como referência a formação da Vacaria do Mar por Hernandárias, no início do século XVII, não teria havido condições de seu gado ocupar a região da Campanha Sudoeste, entre os rios Negro e Ibicuihy, por ter sido introduzido na margem oriental pela ilha de San Gabriel, próxima de Buenos Aires, expandindo-se na proximidade das cidades de Maldonado e Montevideu. Bruxel (1961, p. 124-145) explica que seria pouco provável que todo o rebanho de Hernandárias tenha sido exterminado pelos índios, a inclemência do ambiente ou a falta de reprodutores, mas que também não há base para afirmar que tenha obtido rapidamente uma multiplicação linear correspondente à quantidade de gado vacum existente na Vacaria do Mar, como pleiteavam os *criollos* platinos. A tese com a qual os espanhóis justificavam a propriedade do gado da Vacaria do Mar baseava-se em documentação encontrada no *Archivo General de La Nación, Sección Tribunales, Legajo A,3*, com o nome de *Treslado en el Pleito entre Hernando Arias Cabrera en el Cabildo de Buenos Ayres y la Compañía de Jesús, años de 1729-35*. (BRUXEL, 1961, p. 124). Nela Hernandárias declara a perda de documentação que provaria a introdução de gado nas margens orientais do Rio Uruguay, nos anos de 1611 e 1617. A documentação foi encontrada na época em que a Câmara de Buenos Ayres pleiteava o direito de posse do gado da Vacaria do Mar frente aos jesuítas das Missões do Tape. Quanto a esta documentação, os jesuítas não questionavam sua autenticidade e conteúdo, mas a capacidade de as quase cem cabeças de gado terem tido condições, frente às adversidades naturais, de formar a Vacaria do Mar, com dezenas de milhares de animais, bem como a maneira como o gado teria migrado para a região.

A tese das Missões, também abordada por Bruxel (1961, p. 150), apresenta uma informação relevante para o estudo do tema:

Entre 1690 e 1710 houve um empenho enorme de fundar estâncias com famílias de estancieiros indígenas desde as margens do rio Uruguay até as margens da Lagoa dos Patos. E durante todo o tempo que precede o ano de 1680, parece que nenhum espanhol sabia nem falava do lançamento feito por Hernandárias. (BRUXEL, 1961, p. 150)

No início da década de 30 do século XVII, o Pe. Romero e o Pe. Mendoza trouxeram as primeiras cabeças de gado para fortalecer a permanência dos índios nas reduções do Tape, distribuindo as 1.500 cabeças de gado entre as reduções. Jaeger (1943, p. 18) apresenta informações quanto à distribuição pelas reduções e à multiplicação deste rebanho no espaço de tempo de um ano: Jesus-Maria com vacas leiteiras; Candelária, duzentas cabeças; e Santa Tereza, quatrocentas cabeças de gado.

O *Pueblo* de Yapeyú, criado em 1627, portanto antes do período de invasão dos Bandeirantes nas reduções do Tape e antes da introdução do gado, assume um papel significativo com relação à introdução e ao manejo do gado no período pós-1638. Com base na Tese das Missões, o *Pueblo* de Yapeyú pode ter introduzido gado à margem oriental do Rio Uruguay, fazendo uso da geografia do terreno, favorável ao controle do gado.

Um ponto que deve ser observado é que os índios reduzidos, antes da fuga para a redução de Concepción, afugentaram parte de seu rebanho para longe das reduções, provavelmente em direção às margens do Rio Ibicuihy, que se teria como um delimitador de território para as missões. A redução de São Francisco de Borja foi fundada apenas em 1682, na segunda fase das Missões na região do Tape.

O *Pueblo* de Yapeyú, distante das reduções do Tape, ocupava uma situação estratégica para empreender ações quanto ao projeto econômico e de abastecimento dos *pueblos*, especialmente quanto a receber em sua estância o rebanho que fora afugentado das reduções durante a invasão dos bandeirantes. Além de receber o gado proveniente das reduções, o *pueblo* também poderia transpor para margem oriental gado da outra margem do rio, dando condições de multiplicação aos rebanhos reunidos nos campos, apenas com a função de procriação, mesmo sendo pastoreados pelos índios reduzidos em Yapeyú.

A quantidade de gado nas reduções da margem oriental não está ligada somente ao rebanho iniciado pelo Pe. Cristóvão de Mendoza, mas à aquisição de rebanhos menores por padres de outras reduções. “*Em 1635 estava em Apóstoles (Entre-Ijuís) o padre Pedro Boscher. Além do gado que lhe caberia da arreada dos padres Romero e Mendoza, queria ir buscar mais 200 vacas em Itapua (Encarnación do Paraguai, em frente a Posadas)*” (BRUXEL, 1961, p. 176). Este gado já estava comprado, mas, devido a uma peste, os peões não puderam ir buscá-lo. Outro exemplo, quanto à dinâmica para a formação do rebanho das reduções do Tape, foram as intenções do padre Doménech, da redução de Candelária do

Piratini, que comprou duzentas cabeças de gado vacum mas, devido à peste, conseguiu trazer uma tropa de apenas noventa animais.

Não se deve crer que tanto os jesuítas quanto os guaranis tenham sido expulsos da região do Tape de maneira abrupta a ponto de terem simplesmente abandonado o gado, na expressão literal da palavra. Entende-se “abandonar” na condição de não poder levar o gado consigo, em comitiva, para a margem ocidental do Rio Uruguay, num processo migratório inverso ao realizado nos anos anteriores, em que o gado vacum chegou à região do Tape.

Paralelamente à introdução do gado vacum nas reduções, o *Pueblo* de Yapeyú exercia a função de buscar o gado na vacaria de Santa Fé. A posição geográfica deste *pueblo* oferecia condições de passar parte deste gado para a margem oriental do Rio Uruguay, na altura do Passo do Aferidor. Bruxel busca analisar a possibilidade de as reduções da primeira fase terem conduzido seus rebanhos para as margens do Rio Ibicuhy, limite norte da Estância de Yapeyú, onde estes rebanhos desenvolver-se-iam livremente durante 42 anos. “*Os fugitivos tinham muitas razões para abandonarem alguma parte do gado na fuga; umas vezes pela necessidade presente, outras e, quase sempre, pela utilidade futura*”. (BRUXEL, 1961, p. 189, sem grifo no original). Quanto à utilização futura deste gado, deve-se ao fato de saberem exatamente onde estariam estes animais e as prováveis rotas que estes tomariam, bem como a perspectiva de retornarem a povoar este território.

O Rio Ibicuhy, delimitador de território para o gado vacum solto à margem oriental do Rio Uruguay, encontra-se distante dos rebanhos, que são introduzidos na região mais ao sul, próximo ao Rio Negro, por Hernandárias. É um rio raso em época de estiagem, o que permite sua travessia sem maiores dificuldades. É diferente no período de cheia, quando o rio pode ser uma barreira natural para o gado fazer sua travessia para os campos mais ao sul; nesta época do ano os campos têm boa pastagem e não há necessidade de o rebanho migrar para a outra margem.

A rota de migração do gado proveniente das reduções no final da primeira fase passaria pelos campos ao redor do Rio Ibicuhy, o que pode ser observado pelo mapa de Maeder e Gutierrez (1995, p. 27) (ver mapa 2).

Nas primeiras décadas do século XVIII, com a chegada do negro na região do Rio da Prata, pelos navios franceses e ingleses, teve início um processo de degradação dos rebanhos portenhos. Os mesmos barcos que traziam negros para trabalhar nas estâncias e em diversos setores da economia colonial espanhola voltavam para a Europa com couro. Isto levou os

estancieiros portenhos a buscarem o gado chimarrão existente na região do Tape, para atender a demanda de couro. “Entre 1708 e 1714 los franceses se llevaron 174.000 cueros, entre 1715 y 1726 el asiento inglés exporto 218.242. Esto causó la extinción del ganado cimarrón de la Banda porteña y a partir de ella la explotación acelerada de la Vaquería del Mar” (MÖRNER, 1968, p. 122).

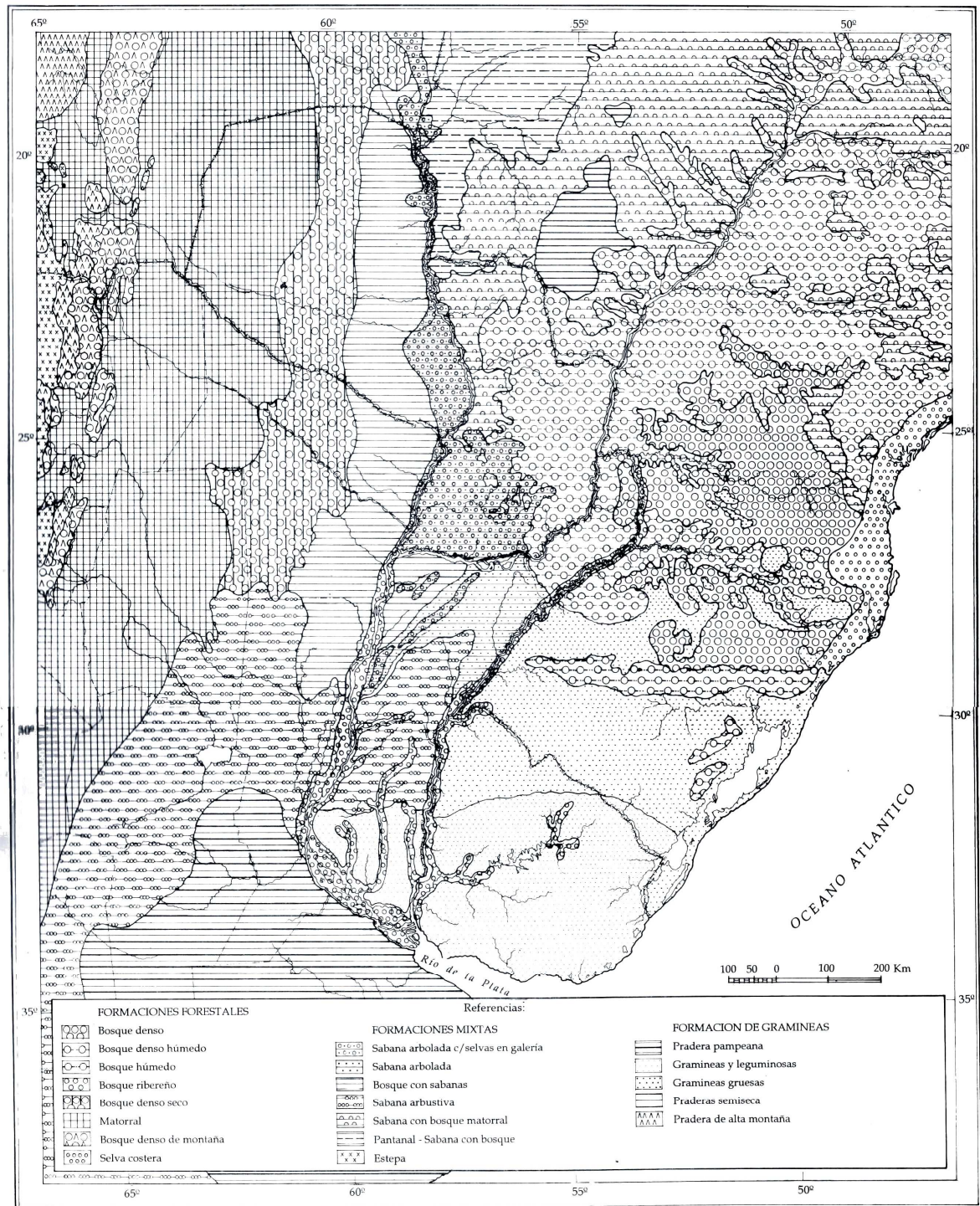
A demanda por couro gerou um mercado paralelo entre os estancieiros de Santa Fé e os portugueses da Colônia de Sacramento, bem como deu origem a indivíduos ditos *gauchos*, que trabalhavam o ano inteiro no abate de reses e na preparação do couro para comercialização. Esta prática gerou uma situação de reorganização dentro do sistema reducional coordenado pelos jesuítas, no que se refere à propriedade, que foi expresso no Congresso Provincial de 1717. “Los jesuitas consideraban que los guaraníes poseían los títulos legítimos a la Vaquería del Mar y creían, además, que no sería posible abastecer a los treinta pueblos sin recurrir a esta vaquería” (MÖRNER, 1968, p.122). No ano de 1716 havia 121 mil índios nos trinta povoados; anualmente era trazido um rebanho de aproximadamente cem mil cabeças de gado chimarrão para seu consumo.

As intervenções espanholas poderiam desestabilizar as reduções devido à falta de um produto que se mostrou eficaz para a manutenção econômica da Província Jesuítica do Paraguai. Como medidas cautelares, os jesuítas remanejaram seus gados buscando afastá-los da zona de risco que era o território da Vacaria do Mar. Mobilizaram desta maneira oitenta mil cabeças de gado para a região mais ao leste dos Sete Povos, fundando a Vacaria dos Pinhais. A ação não rendeu frutos, pelo fato de os paulistas já terem conhecimento da existência da Vacaria do Mar e colocarem-se agora em busca de gado para abastecer com carne as povoações mineradoras e suas fazendas.

Mapa 2: As formações vegetais da área em que está a Estância de Yapeyú.

ATLAS HISTORICO

FORMACIONES VEGETALES



Fonte: MAEDER; GUTIERREZ, 1995, p 27.

Outra ação dos Jesuítas para garantir seus rebanhos foi organizar novamente estâncias nas regiões periféricas das reduções, assim como faziam antes da invasão bandeirante de

1638, intervenção que gerou o rebanho da Vacaria do Mar. “[...] Los jesuitas habían tenido la precaución de llevar ganado cimarrón de la Vacaría del Mar también a los siete pueblos que se habían establecido al sur del río Uruguay” (MÖRNER, 1968, p. 123).

Los cambios técnicos implicaron substituir las Vaquerías distantes de las estancias por creación de espacios reservados para amansar y criar ganado en zonas mejor acotadas y adaptadas; así como la coordinación con el desarrollo de las estancias entabladas para el abastecimiento directo a las Doctrinas (CARBONELL, 1992, p. 151).

As estruturas estudadas nesta dissertação representam adequadamente esta citação de Carbonell, quanto à alteração na forma de manejo do gado, momento em que se busca organizar os rebanhos em estâncias, deixando de tratar o gado como um animal de caça para as reduções que, neste momento – século XVIII –, já estão estabelecidas e em franca expansão. A organização das estâncias a partir do território da Vacaria do Mar é a alternativa para garantir o desenvolvimento do rebanho de gado *vacum* e do comércio exterior da Província Jesuítica do Paraguai.

A Estância de Yapeyú organiza-se após e a partir da Vacaria do Mar. Teve seu primeiro gado proveniente do *Pueblo* de Yapeyú e, posteriormente, dos rebanhos das reduções que fugiram para a margem ocidental do Rio Uruguay, que vieram a formar a Vacaria do Mar. O processo de arrebanhar o gado nessas terras vai dar origem a postos de pastoreio. “Como espacios reservados al multiplico de reses mansas fueron seleccionados dos: uno de veinte leguas de largo (96.560 km) y diez de ancho (48.280 km), capaz para doscientas mil reses, dentro de la estancia de Yapeyú.” (CARBONELL, 1992, p. 151).

Um episódio ocorrido em 1730 chama a atenção, especialmente, à territorialidade que se criou. É um incidente entre os jesuítas e um negociante de gado chimarrão. Os jesuítas consideravam que todo o rebanho encontrado na margem norte do Rio Negro pertencia ao *Pueblo* de Yapeyú ou à Redução de São Miguel. Nesta perspectiva, devemos lembrar que o limite sul da Estância de Yapeyú era o Rio Negro e o limite leste, o Rio Ibirapuitã. Assim sendo, os castelhanos estavam avançando no território das reduções, mesmo que para eles as reduções ficassem ainda mais para o norte, além do Rio Ibicuhy. Para os jesuítas o território abaixo do Rio Ibicuhy pertencia ao *Pueblo* de Yapeyú, através de sua estância (ver imagem de satélite 1).

Carbonell (1992, p. 106) apresenta uma tabela com o cálculo aproximado da nutrição diária por pessoa nos povoados no ano de 1766. É relevante fazer este recorte temporal para ter uma compreensão dos efeitos causados pela postura adotada pelos jesuítas no tocante a defender os interesses de manutenção e preservação do gado vacum para as reduções. (Ver quadro)

#### Quadro dos principais alimentos utilizados nas reduções em 1766

Produtos	kg/ano	Gramas/dia	Quilocalorias/dia	Proteínas/dia	Graxas/dia
Carne de gado	82,39	225,73	538,84	28,95	45,89
Milho	93	254,79	863,75	22,52	10,29
Legumes	32	87,6	295,64	19,29	1,36
Mandioca	156,6	428,9	372	2,6	0
Batata	29,3	80,3	70	0,8	0,2
Abóbora	3,6	9,86	26,5	6,16	0
Mamão	3,8	10,5	3	0	0
Bananas	31,15	85,35	53	0,7	0,1
Laranjas	31,15	85,35	23	0,45	0,1
Melancia e Melão	12,85	35,15	11	0,2	0
Outras frutas tropicais	4,8	13,3	3	0,5	0
Açúcares e mel	27,5	75,3	212	0	0
Amendoim	1,7	4,6	18	0,8	1,4
Erva Mate	4	10,96	4,59	1,09	0
<b>Total</b>	<b>513,84</b>	<b>1.407,69</b>	<b>2.494,32</b>	<b>84,06</b>	<b>59,34</b>

A carne bovina era a maior fonte de proteína que o índio reduzido tinha, com 28,95 gramas, seguida de milho (22,52 gramas) e legumes (19,29 gramas). Os demais componentes da dieta contribuíam apenas com 13,3 gramas de proteínas/dia. Estes valores baseiam-se numa família de 4,318 membros em média.

Por isto a preocupação dos jesuítas no Congresso Provincial de 1717, ano em que seus rebanhos de gado para o abate não eram suficientes para o número de habitantes dos Trinta Povos. A insuficiência da carne nas reduções poderia causar uma evasão de guaranis para os antigos territórios de suas tribos, para as estâncias de colonos ou para as cidades, oferecendo suas habilidades como praticantes de ofício.

O Pe. Cardiel S.J. calculou um consumo diário de aproximadamente vinte vacas nas reduções menores, com um número de mil até duas mil pessoas; nas maiores, o consumo de carne dobraria juntamente com a população de índios reduzidos. Esta informação refere-se ao período anterior à formação das estâncias. Observamos na tabela de Carbonell, que é do

tempo em que as estâncias estão no seu auge, que a carne era a principal fonte de proteína na dieta dos guaranis reduzidos, sendo o couro e o sebo produtos de comercialização no colégio de Buenos Aires. Para o primeiro período,

O Pe. Cardiel disse que cada missão, quando precisava de carne, costumava enviar à Vaqueria del Mar uma expedição de cinquenta até sessenta índios, cada um dos quais levando cinco cavalos. Servindo-se de uma pequena manada de gado domesticado como isca, faziam a recolha, o rodeio e, usualmente, depois de trabalharem dois ou três meses, os índios voltavam com cerca de 5 mil ou 6 mil animais. (MÖRNER, 1961, p. 09)

A principal atividade econômica do *Pueblo* de Yapeyú, no século XVIII, era a pecuária, razão por que a maior estância dos Trinta Povos era a deste povoado, seguida pela de São Miguel.

Estas duas estâncias eram territorialmente limítrofes à Vacaria do Mar, que, na primeira metade do século XVIII, gerava disputa entre as principais sociedades presentes no território do Rio da Prata: os Espanhóis, os Portugueses da Colônia do Sacramento e a província Jesuítica do Paraguai, tutora dos guaranis.

Na perspectiva que a Vacaria do Mar apresentava diante da possível escassez de seus recursos, os jesuítas providenciaram a criação de outra vacaria, denominada Vacaria dos Pinhais, que, em suas projeções, poderia render quinhentas mil cabeças de gado bravo no prazo de oito anos.

Cada missão tinha já uma estância bastante extensa de gado domesticado, mas por causa dos índios terem tão pouco jeito para criar gado, julgou-se absolutamente necessário arranjar um grande reservatório de gado bravo a fim de garantir um abastecimento regular de carne (MÖRNER, 1961, p. 23).

O desaparecimento da Vacaria dos Pinhais ocorreu devido a sua proximidade com o Rio Pelotas e o litoral, rota dos empreendedores de Laguna e da cidade de Rio Grande. Por mais que os Jesuítas tentassem esconder este gado, o relevo de uma paisagem aberta o tornava visível para os viajantes que por ali faziam caminho. A Vacaria dos Pinhais afastou o gado dos Espanhóis e dos Portugueses da Colônia do Sacramento, mas o aproximou dos fazendeiros e comerciantes de Laguna, que a utilizaram para novas expedições e para enviar o gado desta Vacaria para as estâncias do interior de São Paulo, abastecendo os mineiros de Cuiabá e Goiás. “Em 1772, o governador de São Paulo mandou abrir uma estrada de Curitiba



para o Sul. [...]” (MÖRNER, 1961, p. 24). O Sargento-Mor Francisco de Souza e Faria levou noventa homens e, após um ano de viagem, ficando mais seis meses na Vacaria dos Pinhais, retornou a Curitiba com aproximadamente duzentas mil cabeças de gado.

A Estância de Yapeyú poderia ser territorialmente tão grande quanto a Vacaria dos Pinhais, no entanto apresentava vantagens devido a sua posição geográfica. O Rio Negro é o delimitador ao sul, o Rio Ibicuihy é este limite ao norte.

Em 1730, enquanto esta luta ainda continuava, um negociante de gado chamado Juan de Rocha estava a recolher gado na Banda Oriental para o Cabildo de Buenos Aires quando os charruas o assaltaram. Resolveu seguir para o Norte, com o fim de atravessar o rio Negro. Aí, porém, os guaranis fizeram-no parar e disseram-lhe que agiam segundo as ordens dos Jesuítas. Quando o Cabildo de Buenos Aires pediu aos jesuítas que explicassem a sua atitude, declararam que ao Norte do Rio Negro o gado já não era cimarrón, mas sim domesticado, e, no caso em questão, pertencia à missão de Yapeyú. Assim fixaram uma clara linha entre o que restava da Vaqueria del Mar e as estâncias dos guaranis e jamais abandonaram a posição então definida, embora o termo “domesticado” não se deva tomar num sentido muito literal. (MÖRNER, 1961, p. 31)

Por certo, são os jesuítas da província do Paraguai que informaram ao Cabildo de Buenos Aires que o território em questão pertencia ao *Pueblo* de Yapeyú.

O certo é que o jesuíta Cardiel explicou num dos seus relatórios que a vasta extensão de terreno entre a missão de Yapeyú e o rio Negro, que se chamava *Estancia de Yapeyú*, não tinha naquela altura senão ganado cimarrón. As manadas desta estância tinham sido conduzidas da *Vaqueria del Mar* e por esta razão consideravam-nas propriedade da Missão. Os índios costumavam vigiá-las, para impedir que fugissem, e usualmente concentravam-nas, por isso, em qualquer cotovelo formado por um grande rio e um seu afluente, rincón, onde era mais fácil guardá-las. Por volta de 1731, os jesuítas, segundo o que disse o padre Cardiel, **resolveram por em execução um novo projecto para garantir o abastecimento de carne das Missões. Do gado bravo que se encontrava dentro dos limites da chamada Estância de Yapeyú 40.000 animais seriam fechados numa autêntica estância para a criação de gado capaz de abrigar 200.000, pois se esperava que o gado aumentaria para este número dentro de oito anos.** O processo repetir-se-ia também dentro dos limites da chamada *Estância de San Miguel*, situada a leste da Estância de Yapeyú. Todo este gado domesticado formaria a nova reserva das Missões. Já não seriam necessárias expedições armadas para recolher ganado cimarrón. Em compensação, esperava-se que ambas as estâncias de Yapeyú e San Miguel vendessem gado às outras missões sempre que preciso, a um preço que incluiria o custo da entrega. Talvez o projecto delineado assim pelo Padre Cardiel não se tivesse posto em execução tão abruptamente como o relatório pode levar a crer, mas sim de uma forma mais gradual. Em todo o caso, porém, vê-se claramente que, de 1735 até

1740, a crise aguda causada pela perda da *Vaquería del Mar* e da *Vaquería de los Pinares* foi vencida. (MÖRNER, 1961, p. 31-32, sem negrito no original)

A estância Santiago, que estudamos no seguinte capítulo, tem estruturas como as previstas nesta descrição. Se ela é a sede da estância planejada, ou só parte dela, não é possível deduzir dos documentos. Ela está próxima ao ponto de comercialização do gado da estância, que é o Passo do Aferidor, tema do quarto capítulo da dissertação. O estudo destes dois pontos ilustra muito bem as estruturas definitivas mencionadas no texto acima.

Um aspecto favorável à organização de uma estância ao sul do Rio Ibicuihy e ao norte do Rio Negro estava nas vantagens do deslocamento para arrebanhar o gado da Vacaria do Mar, formada pelos rebanhos deixados pelos guaranis na fuga para os *pueblos* da margem ocidental do Rio Uruguay, por causa da invasão dos bandeirantes nos anos de 1638-1642 (CARBONELL, 1992, p. 148).

Nos postos de pastoreio, os guaranis, acompanhados de um supervisor, ficavam responsáveis por um determinado rebanho. Serve de exemplo, por enquanto, o posto de Paysandu (1755), que tinha como objetivo preservar o rebanho de ataques de índios infieis, de “changadores”, de ladrões de couros. Além do posto de Paysandu, próximo ao Arroio Grande, estava San José e, sobre o Rio Negro, próximo ao Passo de Navarro, o povoado de Santa Maria (VADELL, 1978, p. 115).

Paysandu possuía um pequeno forte com dois *pedreiros*, equipamento de arremessar pedras a grandes distâncias, além dos dois canhões, para a defesa de Yapeyú, contra os índios infieis (Charruas, Minuanos e Yaros), bem como contra changadores de couro e fazendeiros clandestinos. Este centro era coordenado por um comissário indígena ou espanhol e respondia pela coordenação das atividades do posto. As habitações tinham estrutura precária, com choupanas de teto de palha; sua capela não era diferente, por não ter um cura permanente. Além da responsabilidade de defender o território de Yapeyú, por ser um forte conhecido por afundar embarcações que tentassem entrar em seu território em busca de couro ou demais derivados do abate de gado vacum, Paysandu utilizava seu porto para manter comércio com Buenos Aires.

O provincial Mastrili Durán considerava uma unidade geográfica o povoado e a estância de Yapeyú (VADELL, 1978, p. 110). Este ampliava seu território com a introdução do gado na margem oriental do Rio Uruguay, em um primeiro momento com gado livre para a utilização das pastagens. Com o retorno para a região do Tape das reduções transmigradas e

logo após a disputa pelo gado *vacum* com os estancieiros de Corrientes e Santa Fé e a fundação da Colônia do Sacramento no território da Vacaria do Mar, a Estância de Yapeyú passou a marcar o território e o delimitou usando a hidrografia da região: o Rio Uruguay, o Rio Ibicuhy, o Rio Ibirapuitã e o Rio Negro, e passou a atuar com foco no comércio exterior, depois de atendidas as demandas internas.

Carbonell (1989, p. 27) menciona que nos anos de 1690 a 1696 Yapeyú dobrou o seu número de estâncias de três para seis. Ele relata que, neste estágio de ampliação dos Postos Administrativos da Estância de Yapeyú, o P. J. Delfin convidou representantes do Cabildo de Buenos Aires para fazerem uma visita à região das margens do Rio Quarey, para que fosse autorizada a fundação de uma estância naquela região. Os representantes do Cabildo de Buenos Aires deram parecer favorável à criação de uma estância. Para fazer-se efetiva em termos populacionais de rebanho, foi sugerido trazer mais quatro mil cabeças de gado da região denominada de Pará – Carbonell não precisa sua localização, mas crê ser este gado trazido de algum rincão que estivesse protegido das intromissões portuguesas.

Mesmo dobrando o número de suas estâncias, quantitativamente o *Pueblo* de Yapeyú apresentou uma redução em seu plantel de 70.436 para 68.000. Estes números são significativos se comparados aos do ano de 1694, quando o *pueblo* contava com oitenta mil cabeças de gado em suas estâncias.

Esta diminuição está justamente na ampliação de suas estâncias na margem oriental, o que gera conflitos com índios infieis, que ocupavam este território.

Estes mesmos índios mantinham negócios com a Colônia de Sacramento, trocando cavalos por armas brancas, e a relação de comércio com os minuanos e os yaros ocasionou uma guerra entre os índios e portugueses da Colônia. Um acordo de paz foi realizado mais tarde.

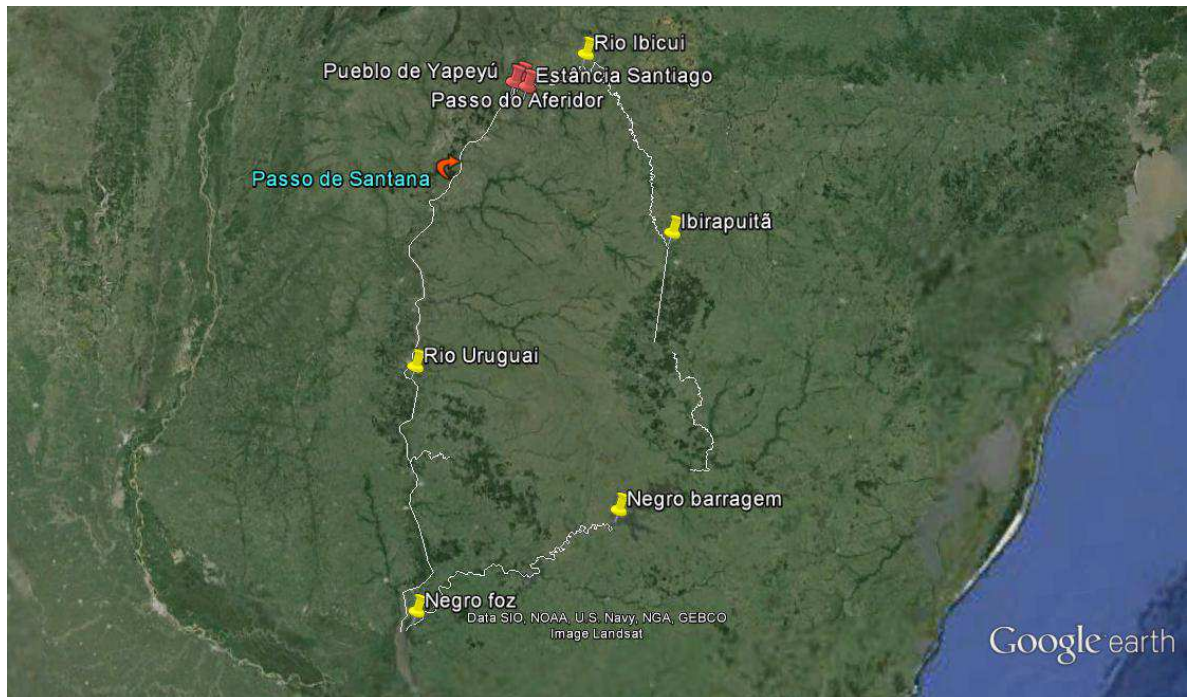
No permita V.R. que los curas del pueblo de arriba envíen índios con rescates de yerbas y tabaco u otras cosas a comprar caballos de los infieles y en todo, para este efecto, toderías, agregandose para esto los infieles a las doctrinas, **digo estancias de los pueblos de abajo**, con gran detrimento de los ganados de dichas estancias, hurtando los caballos de ellas y otros graves inconvenientes que se siguen; y si fuere necesario comprar algunos, hágan lo por médio de los PP. Curas de otros pueblos de abajo. [Ordenes del P. Ignacio Frias, Provincial, al Superior de las Misiones del Uruguay en la visita de 1699] (CARBONELL, 1989, p. 29)

Os ditos *pueblos de abajo* são os da margem sul do Rio Ibicuhy.

Com a criação das estâncias, mais distantes dos respectivos *pueblos*, apresenta-se uma nova formatação do território ocupado pela Província Jesuítica. Neste momento, ademais de as reduções estarem expandindo-se além do Rio Uruguay, ao norte do Rio Ibicuhy, é introduzido um novo elemento: a estância. Se o povoado pode ser um elemento social, a estância pode ser o elemento econômico que contribuirá e dará condições de ocupação territorial na margem oriental do Rio Uruguay. Ítala Basile Becker afirma na introdução de sua dissertação de mestrado que “O Gado em si não é uma forma de penetração. Quem realmente penetra é o homem que aparece no território por detrás do gado.” (BECKER, 1982, pág. 13). O gado foi o agente da reocupação do território do Tape pelos guaranis reduzidos, funcionando como garantia de sobrevivência no processo de reconstrução das reduções, mesmo que em número reduzido à metade; na primeira fase eram quinze reduções e, na segunda, apenas sete reduções, mais próximas ao Rio Ijuhy e ao Rio Uruguay.

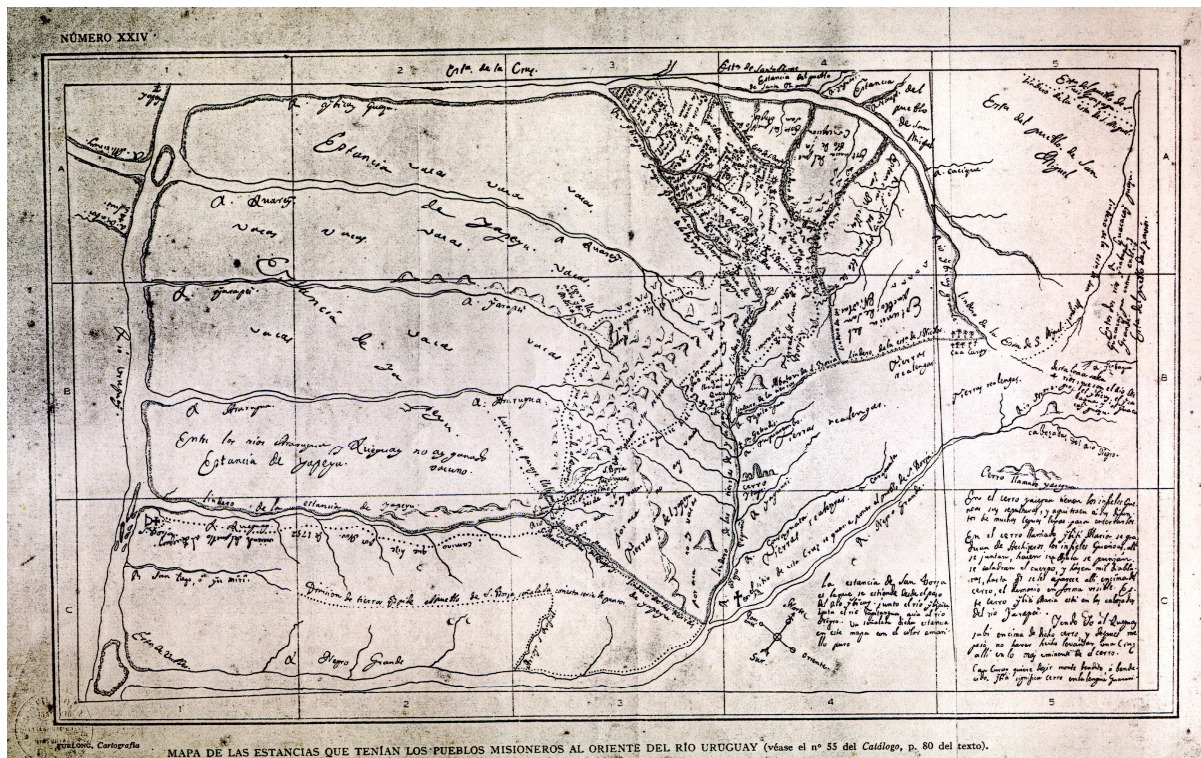
A imagem de satélite abaixo mostra a localização da Estância de Yapeyú na margem esquerda do Uruguay, sua extensão e limites: no oeste o Rio Uruguay, no norte o Ibicuí, no leste o Rio Ibirapuitã, no sul o Rio Negro. Na margem direita, o *pueblo*. Estão assinalados, ainda, os passos no rio principal, o do Aferidor e o de Santana, e os objetos de pesquisa, a Estância Santiago e o Passo do Aferidor.

Satélite imagem 1: Limites da Estância de Yapeyú



Fonte: Google Earth.

Mapa 3: Mapa da Estância de Yapeyú de Bernardo Nussdorfer.



Fonte: FURLONG, 1962, p. 401.

A estância ocupava uma superfície muito grande, de bons campos, matas ribeirinhas, capões e algumas matas mais extensas e estava bem provida de água em toda a sua extensão. Além dos rios que a limitavam havia outros, distribuídos em distâncias regulares: o arroio Puitã e os rios Quarahy, Arapey, Araruguá e Queguay.

Como está indicado no mapa, o gado ocupava a parte setentrional entre os rios Ibicuhy e Araruguá. Não havia gado entre o Araruguá e o Queguay. Um espaço entre o Queguay e o Negro era estância de Valdez, e o outro estava sendo solicitado pela redução de São Borja.

Assim, a Estância Santiago poderia ser uma das suas estruturas centrais de criação de gado.

Os capítulos que seguem mostram as estruturas construídas de duas instituições da estância, uma ligada à criação, outra à comercialização do gado. Na chamada Estância de Santiago, ancorada no arroio Puitã, a uns dez quilômetros da margem do Rio Uruguai e nove quilômetros do Passo do Aferidor, as ruínas preservadas são suficientes para mostrar a estrutura central de uma estância, com o prédio administrativo, os currais e os poteiros anexos, ligados à criação e ao manejo do gado. No chamado Passo do Aferidor, junto ao Rio Uruguai, em frente ao *Pueblo* de Yapeyú, está preservado e ainda habitado o prédio administrativo, porém menos conservado e perceptível o entorno ligado ao manejo do gado. Este prédio é considerado o ponto de comercialização do gado, tanto para o próprio povoado, como para as outras reduções.

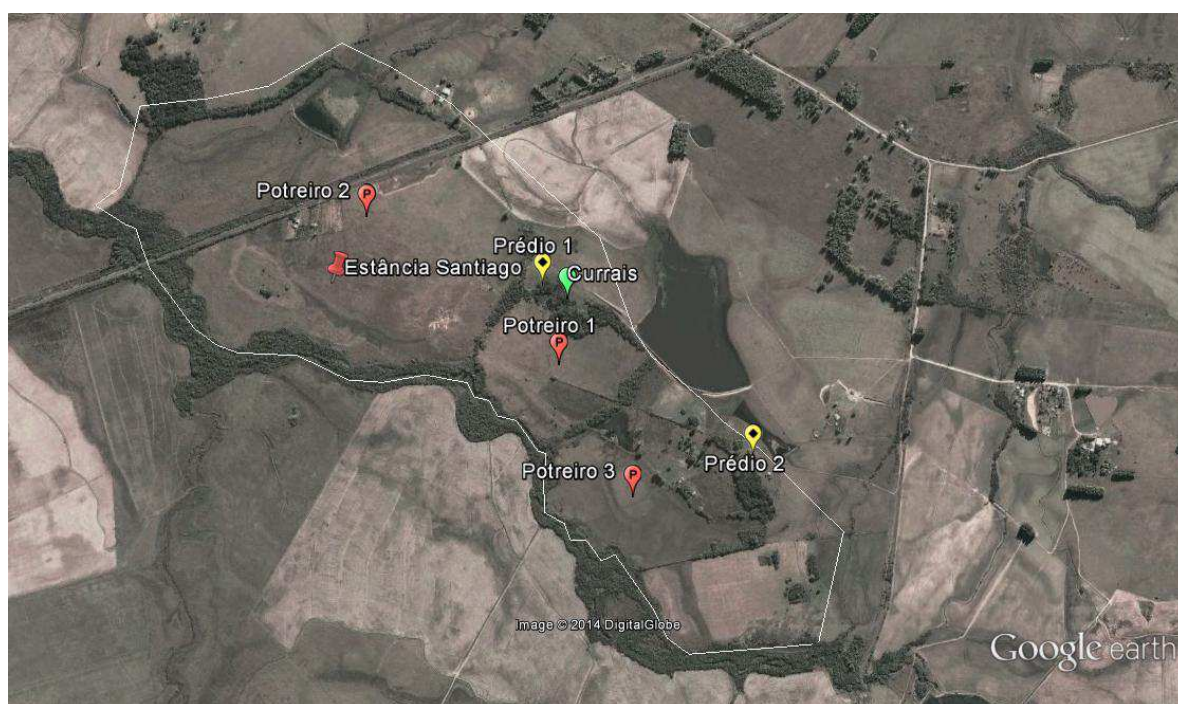
Ambas as construções terão surgido, por ocasião da estabilização das reduções e do seu abastecimento de carne, entre aproximadamente 1730 e 1740. Seu estado atual pode dar uma ideia do que eram por ocasião da expulsão dos jesuítas no último quartel do século XVIII. As construções representam bem o estilo construtivo da época.

A abordagem é arqueológica: centra-se na descrição das estruturas, de suas técnicas construtivas e de seu relacionamento interno.

#### 4 A ESTÂNCIA SANTIAGO

A estância Santiago localiza-se em campo ondulado com abundante água disponível em banhados e arroios, com cordões de mata ao longo dos cursos de água e capões isolados no campo. Ela está ancorada no arroio Puitã: seus potreiros encostam em sua margem direita e a antiga sede está sobre pequena elevação próxima. A desembocadura do arroio Puitã no Uruguai dista nove quilômetros. Localização geográfica: 29°31'06.14"S – 56°42'30.59"W, município de Uruguiana.

Satélite imagem 2: Localização das estruturas e potreiros da Estância Santiago



Fonte: Google Earth.

A estância encontra-se na Fazenda Santa Rita, de propriedade de Jorge Omar Borges Ferreira.

Hoje, a estância está representada pela base de paredes de um prédio, que teria sido a sede do empreendimento, e por vestígios de currais e potreiros, lugares de manejo do gado mantido nos campos próximos.

Teria havido um segundo prédio, afastado do primeiro, mas dele só existe uma “sombra” numa pequena área com grama. Até o início da década de 70 do século passado, segundo depoimento oral de um arrendatário, ali teria havido um prédio com paredes de pedra

e cobertura de telha, semelhante ao existente no Passo do Aferidor. Ele teria servido de moradia para o arrendatário, que mais tarde o teria transformado em escola. Na década de 70, temendo a possibilidade de as estruturas em pedra serem tombadas como patrimônio histórico, o proprietário teria desmontado o prédio.

O conjunto de vestígios está suficientemente preservado para permitir uma visão do que teria sido uma estância jesuítica. As características de construção do prédio, dos currais e poteiros, são claramente de tradição missioneira. O conjunto é muito diferente daquilo que se costuma acreditar tenham sido estes postos avançados, que não passariam de rústicas construções de material frágil e não teriam suportado as intempéries ao longo do tempo (GOMES, 2001, p. 36).

Os restos da antiga estância encontram-se numa baixa colina e compõem-se das ruínas de uma casa com dois compartimentos, de três currais cercados por taipas de pedra e de três poteiros, estes delimitados por canais de água, vegetação arbórea e eventuais taipas de pedra. Na frente da casa também existe uma espaço ligado às relações externas do empreendimento. A casa e os currais de pedra estão cobertos por mata baixa e aberta; o interior dos poteiros e o espaço à frente da casa são formados pela grama do campo.

Minha pesquisa começou em 2006, quando percorri todo o espaço e fotografei as taipas de pedra, mas sem qualquer intervenção no terreno. Antes disso ninguém se tinha envolvido em pesquisá-las.

Em 2007 alguém se interessou pelos muros de pedra da casa, limpou todo o espaço 2 retirando o sedimento até 0,40 m de profundidade, abriu uma trincheira externa ao longo da lateral esquerda da casa e decapou um espaço ao longo da parede do lado direito. Na frente da casa existem dois acúmulos de terra e pedra que podem ter sua origem nestas intervenções.

Em junho de 2012 voltei às ruínas para novo levantamento fotográfico. Em janeiro de 2013, para uma topografia das ruínas, do que resultou o croqui apresentado mais adiante. Em nenhum momento interferi nas paredes e no solo.

Por ocasião da 12ª Semana da Paz, evento tradicionalista promovido pelos Centros de Tradição Gaúcha, em Uruguaiana, que se baseia em uma cavalgada do interior do município para o centro da cidade, onde culmina com uma missa na Catedral, foi posta na ruína uma placa de madeira com a cruz missioneira e os seguintes dizeres: “12ª SEMANA DA PAZ. 05 a 10 de março de 2008. Coxilha de Yapeyú. Berço da pecuária Uruguaiense.”



A não interferência nas estruturas e no solo não tira do trabalho a característica arqueológica da pesquisa. A observação, as fotos digitais e as imagens de satélite fornecem todos os documentos necessários para uma reconstituição neste primeiro momento da investigação.

Divido o capítulo em três itens: o prédio, os currais, os poteiros.

#### **4.1 O Prédio**

O prédio está em terreno plano, coberto por mato bem aberto e o chão só com vegetação herbácea muito rala. As ruínas não estão cercadas e permitem a entrada do gado da fazenda atual.

A fachada volta-se para o noroeste, para o campo onde passa a antiga estrada para o Passo do Aferidor, que dista oito quilômetros. Em sua frente existe um espaço cercado no qual se realizariam as relações externas. Os fundos do prédio dão para os currais e poteiros.

As paredes do prédio apresentam altura máxima de 0,35 a 0,40 m, que seria sua altura original, e uma largura ao redor de 0,60 m. Elas são feitas de blocos e lajes de basalto local. Estes muros não são mais que as fundações, ou a parte inferior de paredes de adobe, tijolo seco ao sol e empregado cru<sup>6</sup> (FURLONG, 1962, p. 243). O espaço 1 é retangular, mede 9,57 m por 9,05 m e mantém muros bem construídos nos quatro lados. O espaço 2, também retangular, mede 6,80 por 9,05 m e conserva muros de pedra em três lados, havendo no quarto indícios de uma parede de pau a pique. Os muros conservados sugerem que se trata de uma mesma construção, embora o encontro das paredes do espaço 1 com as do espaço 2 sugira alguma descontinuidade construtiva.

Não existe nenhum indício de piso consolidado, com lajes ou ladrilhos. Também não há telhas. Não se encontrou nenhum lixão, nem artefatos cerâmicos e líticos espalhados. As intervenções feitas por um curioso em 2007 também não expuseram nenhum material.

Todas as paredes apresentam-se conservadas. Em todas elas existem espaços desmoronados: à frente, junto ao canto C; dois locais na parede do fundo do espaço 1; grande parte da parede do fundo do espaço 2; pequenos locais na parede lateral direita do espaço 2; dois locais na parede entre os compartimentos.

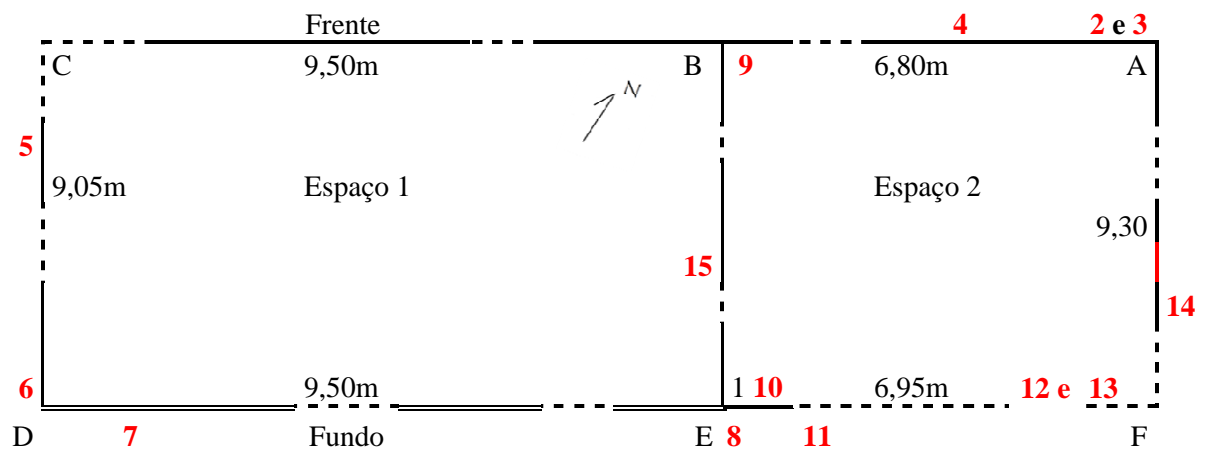
---

<sup>6</sup> Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Supervisão de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e assistência de José Baptista da Luz. Ed. Companhia Editora Nacional. São Paulo

A técnica de construção utiliza a sobreposição horizontal de lajes ou uma trama de blocos maiores, com os interstícios preenchidos por fragmentos menores e barro. Na parte superior desta parede costuma haver grandes blocos regulares, de faces aplanadas, que serviriam de base para instalar o adobe formador da parede propriamente dita. As paredes foram levantadas sobre o chão, em valeta rasa. Especialmente os cantos foram mais bem trabalhados para dar segurança à estrutura e ainda foram assentados sobre blocos maiores por debaixo do nível geral do assentamento da parede. As paredes conservadas são realmente as bases de paredes de adobe, que defenderiam contra erosão pela chuva. Furlong (1962, p. 243) fala que, nas reduções, estas bases teriam ao redor de uma vara de altura.

O croqui mostra a distribuição dos espaços, seu tamanho, a conservação das paredes e a sequência das fotografias.

Croqui 1: Planta da estrutura de pedra da Estância Santiago



Fonte: Elaborado pelo autor.

No croqui do prédio os traços contínuos indicam os muros preservados e as linhas pontilhadas representam os muros desmoronados. Os números indicados ao longo das paredes indicam as fotografias explicadas abaixo; elas cercam o prédio em sequência anti-horária.

Fotografia 1: Vista geral das ruínas do prédio.



Fonte: Fotografado pelo autor.

A foto mostra que as ruínas da casa estão em mata baixa, pouco densa, num campo de pastagem.

Fotografia 2: Canto A mostrando o encontro da parede da frente com a lateral direita do espaço 2.



Fonte: Fotografado pelo autor.

No lado direito da foto, a parede da frente do prédio; no centro, todo o espaço 2; no lado esquerdo, a parede lateral direita mostrando uma interrupção no muro, que pode ser uma

grande entrada. No canto superior direito, o espaço 1.

Fotografia 3: Canto A mostrando o grande bloco sobre o qual se assenta o ângulo da parede.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Furlong (1962, p. 240) mostra que os ângulos das construções missioneiras estavam assentados sobre grandes blocos trabalhados (ver figura 2).

Fotografia 4: Parede da frente do espaço 2 junto ao canto A.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Esta parede mostra a técnica de construção: na parte inferior, sobre o solo, pequenas lajes; sobre elas, lajes maiores ou blocos com faces aplanadas; por cima, outros blocos que sustentavam a parede de adobe.

Fotografia 5: Parede lateral esquerda do espaço 1.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Esta foto deixa evidente a técnica de construção da parede, com blocos externos e preenchimento do espaço interno com pedras menores e barro.

Fotografia 6: Ângulo D, da parede lateral esquerda com a de fundo no espaço 1.



Fonte: Fotografado pelo autor.

A foto mostra o cuidado com que se construíram os ângulos do encontro das paredes. Por baixo das treças é possível notar o grande bloco sobre o qual se assentava o ângulo para lhe dar firmeza.

Fotografia 7: Meio da parede de fundo do espaço 1.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Na foto vê-se novamente a técnica de construção, com lajotas como base sobre o solo; em cima, blocos regulares para implantação da parede de adobe. Para manter o nível horizontal das lajes preenchem-se com pequenas pedras e fragmentos os espaços irregulares.

Fotografia 8: O ângulo E, o encontro da parede de fundo do espaço 1 com a parede central.  
No lado direito, o começo da parede de fundo do espaço 2.  
O encontro das duas insinua uma descontinuidade.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Além dos dados da legenda, a foto mostra a técnica de construção com grandes blocos. Por baixo da cantoneira, outra vez um bloco de sustentação do ângulo, como ele aparece nas fotos 3 e 6.

Fotografia 9: Encontro da parede central (à esquerda na foto) com a da frente, no espaço 2, visto do lado de dentro.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Na parede da frente aparecem as lajotas que também são observadas na vista frontal da mesma parede (foto 4). Na parede central, observa-se construção com grandes blocos.

Fotografia 10: Em cima, ângulo do encontro da parede de fundo do espaço 1 com a parede central. No centro, o começo da parede de fundo do espaço 2.



Fonte: Fotografado pelo autor.

O encontro entre as paredes visto no centro da foto sugere descontinuidade de construção. Na foto 8 esta descontinuidade fica mais evidente. Nesta foto a parede de fundo insinua solidez, mas em seguida ela continua em uma estrutura de pau a pique, sem blocos na base, e por isso desmoronou, como se observa na foto 11.



Fotografia 11: Parede de fundo do espaço 2, em continuação da foto anterior.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Esta parede de fundo do espaço 2 era mais frágil, de pau a pique, como insinuam os seixos e o barro do centro da foto, em vez dos costumeiros blocos de pedra. A mesma fragilidade pode ser observada na foto anterior e na posterior.

Fotografia 12: As raízes alinhadas da figueira testemunham que cresceram coladas à parede de fundo do espaço 2, que desapareceu e que teria sido de pau a pique.



Fonte: Fotografado pelo autor.

A sequência das três fotos parece tirar qualquer dúvida de que a parede de fundo do espaço 2 tenha sido diferente das outras.

Fotografia 13: Vista geral do Espaço 2 a partir do canto F.  
No lado esquerdo veem-se as raízes da figueira da foto anterior.



Fonte: Fotografado pelo autor.

A foto ainda mostra que havia um desnível do interior do espaço 2 para o terreno externo. Este preenchimento foi retirado até uma profundidade de 0,40 m por um curioso, no ano de 2007. Ele não aparece mais na foto seguinte.

Fotografia 14: Vista sobre o espaço 1 e o espaço 2 a partir do lado direito do prédio, mostrando uma grande abertura na parede lateral do espaço 2 e uma abertura menor na parede que divide os dois espaços.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Em primeiro plano, a interrupção na parede lateral direita do espaço 2, representando uma larga abertura, que poderia ser um portão externo, dando para os currais. Uma abertura menor na parede do meio pode representar o acesso entre os dois espaços. Estas aberturas também são visíveis na foto anterior.

Fotografia 15: Parede que divide o prédio em espaço 1 e espaço 2.  
Vista do fundo para a frente do prédio.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Esta parede mantém, basicamente, a mesma técnica de construção das demais paredes, excluindo a de fundo do espaço 2. Em primeiro plano, o entroncamento com as paredes de fundo, no alto o entroncamento com a parede da frente. Em ambos os lados da parede existe uma certa elevação do terreno que pode ser resultado do desmoronamento da parede de adobe.

As ruínas da Estância Santiago permitem uma reconstituição bem documentada do que teria sido a casa-sede. Ela se compunha de um compartimento maior, que seria a parte residencial e administrativa do encarregado, e de um compartimento menor, que seria o local de depósito de material e alojamento secundário.

A construção era sólida, com a parte inferior das paredes de pedra, a parte superior e principal de adobe, o telhado de palha, o piso de terra, a abertura maior em direção aos currais e uma ligação entre os dois espaços, sendo as outras não conhecidas. Nada sabemos da estruturação interna dos espaços, nem dos utensílios.

É provável que ao redor houvesse construções de material mais frágil, que abrigariam famílias permanente ou temporariamente, mas que não deixariam marcas visíveis.

Distando uns trinta ou quarenta metros atrás da casa, em direção aos currais, existe hoje uma caixa de água, mas não sabemos onde, ao tempo da estância, teria sido este abastecimento; não foi encontrada evidência de um poço. Na frente da casa, distando uns cem metros, começam a existir blocos de pedra que poderiam ter fornecido material para construção; há blocos rochosos também pelo campo afora.

As ruínas representam a estrutura da estância ao tempo da expulsão dos jesuítas, isto é, a segunda metade do século XVIII. A partir de 1725, as reduções, anteriormente constituídas predominantemente por choupanas, com armação de canas revestidas de barro, teriam passado por um procedimento modernizante e, em 1757, os prédios já teriam aspecto semelhante ao dos povoados espanhóis (FURLONG, 1962. p 237). As principais estâncias, como a de Santiago, acompanhariam esta modernização.

A 61 metros a leste da casa estão os três currais de pedra. Em sua direta continuidade, a oeste da casa e dos currais estão os três poteiros. Na frente da casa existe uma superfície limitada por um muro de pedra, um mato e uma fileira de blocos superficiais acompanhados por árvores, que representam e destacam a função social do prédio contra a função produtora.

## 4.2 Os Currais

Há três currais, inteiramente cercados por indícios de taipas de pedra: um retangular e dois circulares. O retangular mede cinquenta metros de frente, 43,60 m de fundo e 44,50 m de lado direito e esquerdo; emenda com o curral semicircular, que tem 34 m de diâmetro. O terceiro curral, circular, tem 65 m de diâmetro.

Eles, mais o potreiro 1, que forma sua retaguarda, representam a estrutura diretamente relacionada com a manipulação de gado. O potreiro 1 abrange uma área de aproximadamente dois hectares, com bons pastos e disponibilidade de água, que possibilitariam manter, por mais tempo, uma pequena quantidade de animais.

O curral retangular tem na parte frontal uma entrada de 3,60 m, que dá para o campo aberto; na lateral esquerda, uma entrada menor. No que seria o canto esquerdo, ele emenda com o curral semicircular através de um muro de pedra, muro aparentemente sem abertura. A passagem para este curral semicircular seria feita junto à entrada menor do curral retangular, onde existe pequena interrupção no muro. Nenhum desses currais tem abertura para o potreiro, mas só para o campo. O curral circular tem duas grandes aberturas opostas: uma o liga ao campo; a outra o abre para o potreiro 1: esta seria a entrada e o controle do potreiro 1.

As cercas da frente, do lado esquerdo e do fundo do curral retangular têm paredes duplas de pedras com um espaço não preenchido no meio delas (fotos 16, 17 e 18). A parede lateral direita e a que une o curral semicircular com a parede da esquerda e a de fundo parecem de uma só fileira de pedras. As cercas existentes apresentam a altura de uma pedra e a impressão é de que elas não eram mais altas do que isto. A esquina mostrada na foto 16 e o umbral da porta principal, na foto 19, são formados por grandes blocos em pé. Blocos muito grandes, deitados, formam também a cerca de fundo do curral (foto 20). Eventualmente um grande bloco pode reforçar uma parede (foto 19).

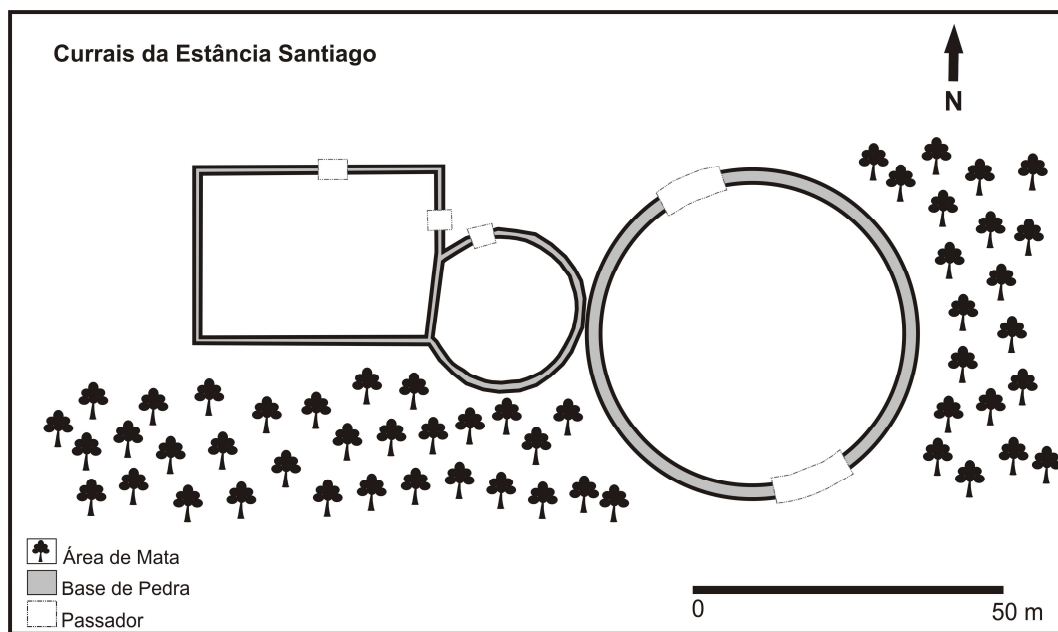
As cercas dos currais circulares também são duplas e apresentam as aberturas com reforço (fotos 23 e 24). As do curral circular têm um intervalo entre uma parede e a outra de aproximadamente 1,20 m.

O que representam as paredes com altura de apenas uma pedra? Não há indícios de que tenha havido mais pedras em cima destas. O espaço no meio das paredes duplas estaria preenchido, provavelmente, por uma estacada de troncos, e para sua firmeza as esquinas e aberturas eram reforçadas com blocos maiores. Junto às paredes simples provavelmente

também havia uma estacada de troncos. As pedras existentes seriam o reforço de sua implantação no solo.

A foto 25 mostra como teria sido o grande curral circular, a maneira como as paredes seriam construídas e o fato de que árvores da mesma espécie estejam crescendo no meio da parede é uma forte sugestão de uma antiga estacada; alguns troncos da estacada poderiam ter brotado e criado raízes e se transformado nas árvores que hoje conhecemos. A alternativa seria um círculo de árvores com os espaços intermédios preenchidos pelo muro.

Croqui 2: Desenho dos Currais.



Fonte do autor.

Fotografia 16: A foto mostra o ângulo da cerca da frente (à direita) com a cerca do lado esquerdo do curral retangular. O bloco em pé reforça o ângulo do encontro.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Fotografia 17: A mesma vista com pequeno ângulo de diferença. A cerca é de fileira dupla de pedra, com espaço entre elas, o que insinua que no meio implantava-se uma paliçada de troncos, que a pedra do ângulo reforça.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Fotografia 18: Muro lateral esquerdo visto do fundo para frente, com a pedra angular ao fundo.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Por esta nova perspectiva, pode-se notar, no primeiro plano da foto, um corte na cerca sugerindo um portão menor que daria ao campo próximo e a uma entrada no curral semicircular.

Fotografia 19: Muro frontal retangular mostrando ao fundo as duas pedras grandes que marcam a entrada principal do curral. Em primeiro plano, uma grande pedra que pode ser um reforço estrutural para a cerca.



Fonte: Fotografado pelo autor.



Fotografia 20: Grandes blocos na parede de fundo do curral retangular com um vão de 0,60 m entre eles.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Fotografia 21: Cerca da lateral direita do curral retangular, de parede aparentemente simples.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Fotografia 22: Parede lateral esquerda do curral retangular com bifurcação para o curral semicircular.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Fotografia 23: Restos da parede do curral circular, mostrando duas filas paralelas de pedras, que distam 1,20 m uma da outra e provavelmente representam o reforço da base de uma estacada de troncos. Ver foto 24.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Fotografia 24: Uma das entradas do curral circular. O lado direito mostra claramente reforço típico da parede junto às entradas; no outro lado ele está mais disfarçado.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Fotografia 25: Curral circular da Estância Minuano, em Aceguá, que ilustra como teria sido um curral circular missioneiro.



Fonte: Foto de Salis, 2013, p. 128.

Nesta foto vê-se a construção de uma cerca de curral circular: a parede é construída com pequenos blocos, com exceção das extremidades junto à entrada; a parede é dupla com preenchimento de pequenas pedras perto das aberturas e provável preenchimento com troncos eretos formando paliçada no restante da cerca; o enraizamento de alguns troncos daria origem a árvores como as que se veem na foto, que, curiosamente, parecem todas da mesma espécie,

que seria a dos troncos da paliçada. No interior do curral de pedras existe uma cerca que serviria para apartar animais de dentro do grande recinto. Na Estância Santiago isto poderia ser feito usando o curral retangular e o semicircular.

### 4.3 Os Potreiros

#### 4.3.1 O Potreiro 1

Satélite imagem 3: Potreiro 1 com seus limites formados por vegetação de arbustos e o arroio Puitã na parte inferior.



Fonte: Google Earth.

O potreiro fica na retaguarda dos currais de pedra e seria o espaço em que os animais seriam confinados para manipulação e manejo. Sua superfície é de aproximadamente dois hectares.

A maior parte de seus limites é formada por valas de aproximadamente 1,50 m de largura, acompanhadas de pequenas árvores; no lado oeste atualmente esta vala está seca, por ser a parte mais alta e pedregosa do terreno. O limite sul é formado pelo Arroio Puitã, coberto por uma vegetação densa, que não possibilita travessia. O lado norte é, em grande parte, ocupado pelos currais. Não havia necessidade de nenhum outro muro de pedra para deixar o potreiro bem fechado. A única entrada era pelos currais.

A área interna do potreiro apresenta, na atualidade, uma variação de pastagem: a mais próxima dos currais tem uma vegetação alta e tomada por espinhos e não é utilizada para

pastagem. A fração de campo mais próxima ao arroio Puitã tem pastagem rasteira verde, utilizada para a alimentação do gado.

O gado do potreiro teria acesso a água permanente no Arroio Puitã.

Fotografia 26: Um remanso no Arroio Puitã.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Fotografia 27: Lugar de acesso ao Arroio Puitã.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Fotografia 28: Uma vala no limite leste do potreiro



Fonte: Fotografado pelo autor.

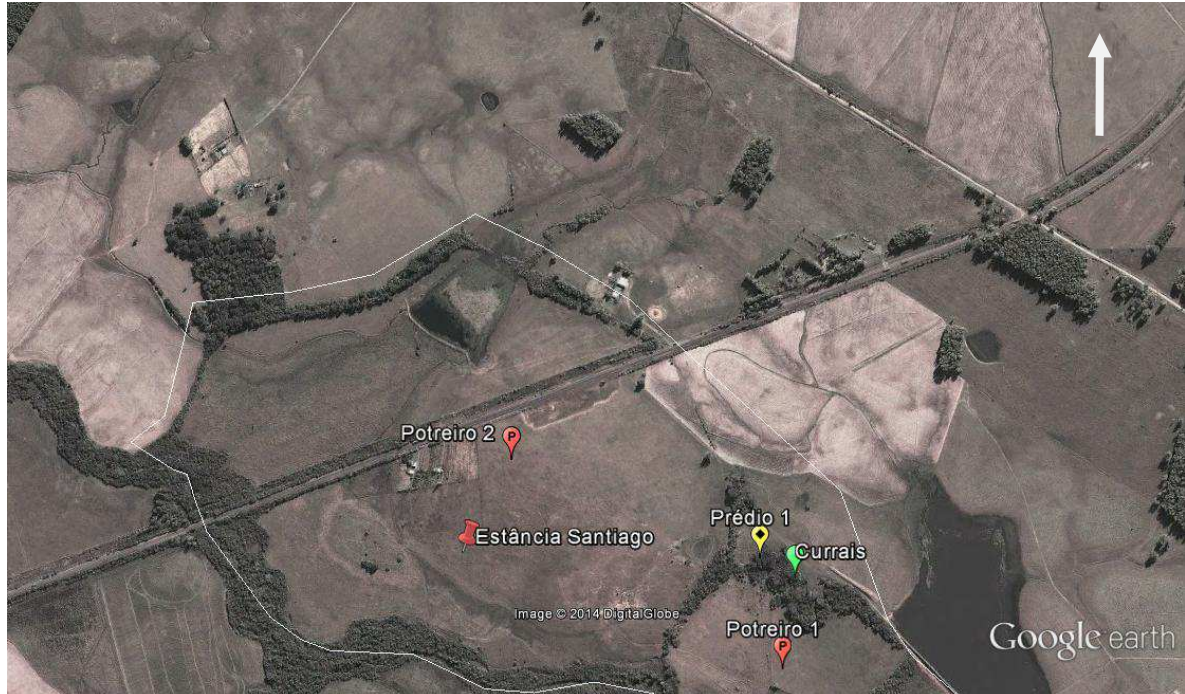
Fotografia 29: Vista do potreiro 1 em direção à mata que esconde o prédio e os currais.



Fonte: Fotografado pelo autor.

#### 4.3.2 O Potreiro 2

Satélite imagem 4: Potreiro 2, em divisa com o potreiro 1, limítrofe ao arroio Puitã.  
Este potreiro está cortado pela BR 472.



Fonte: Google Earth.

O potreiro 2 limita com o potreiro 1, está localizado à esquerda deste e começa a cinquenta metros da casa. A superfície é de aproximadamente oito hectares.

O limite norte é formado por valas rasas, que estão secas; o limite oeste, por valas fundas com água; o lado sul, pelo arroio Puitã; existem vestígios de muro no lado norte perto da entrada e no lado oeste num espaço sem vala. Todos os elementos que formam os limites acima indicados estão acompanhados por árvores. A entrada do potreiro era no lado norte, distante uns setenta metros da casa.

A parte mais próxima da casa é alta e pedregosa; a parte oposta é mais baixa e mais úmida. O pasto é limpo em toda a extensão.

Boa disponibilidade de água para o gado havia no arroio Puitã e em um afluente deste, junto ao limite noroeste e em um açude no setor nordeste.

Este potreiro poderia reunir, por períodos curtos, até mil animais, ou poucos animais por períodos longos. Ele não tem ligação direta com os currais de pedra, destinados ao manejo do gado.



Fotografia 30: Vestígios de cerca de pedra no lado norte do potreiro 2.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Fotografia 31: Vestígios de cerca de pedra, com parede dupla, no limite norte do potreiro 2.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Esta cerca mantém algumas características das cercas de pedra dos currais, com algumas partes formadas por fileiras duplas de pedras e algumas pedras grandes, porém menores que as dos currais.

Fotografia 32: Mata acompanhando vala no divisor entre o potreiro 2 e o potreiro 1.



Fonte: Fotografado pelo autor.

### 4.3.3 O Potreiro 3

Satélite imagem 5: Potreiro 3 com sua cerca de pedra na parte inferior da imagem.



Fonte: Google Earth.

Este espaço não está tão claramente definido como os potreiros anteriores. No lado norte ele limita com o potreiro 1; no leste, é formado por um largo e denso mato e parte de uma cerca de pedra, que também cobre todo o sul; o oeste é o arroio Puitã. Atualmente o canto nordeste está aberto, sem mato, vala ou muro.

O potreiro tem um pouco mais de quinhentos metros de diâmetro e tem características semelhantes às dos outros potreiros.

A cerca de pedra apresenta as características dos outros potreiros, mas está mais conservada.

#### 4.4 O espaço em frente da casa

Satélite imagem 6: Na parte central da foto, o espaço cercado por árvores em frente à casa.



Fonte: Google Earth.

Fotografia 33: Vista do espaço em frente do prédio, cujas ruínas estão no fundo da foto.



Fotografia do autor.

O espaço em frente da casa é um quase retângulo de  $5.697 \text{ m}^2$ , que liga a estância com o campo onde passa o caminho do Passo do Aferidor. O espaço é limitado no lado esquerdo

pela cerca de pedra do potreiro 2, no lado direito por um alinhamento de blocos superficiais, acompanhados por uma fileira de árvores. É um espaço em que estariam casas de pau a pique, das quais sobram dois montes de terra e pedras. Na imagem de satélite 5 é possível observar, no centro da área cercada, uma longa faixa de vegetação diferente, que pode indicar a localização dessas casas. Nelas estariam acomodados os índios missioneiros encarregados do manejo do gado. Os documentos jesuítas insinuam que nas estâncias moravam, de forma estável, diversas famílias com seu cacique. Para tomar conta de uma estância, como a de Santiago, seriam necessários numerosos homens com suas famílias, que formariam uma pequena aldeia junto às instalações de manejo do gado. As estâncias eram postos avançados permanentes, onde as famílias residentes reproduziam tanto quanto possível as condições da missão mas, depois, terminado o seu período de trabalho em campo avançado, voltavam ao *pueblo*.

O conjunto de vestígios está suficientemente preservado para permitir uma visão do que teriam sido as estruturas físicas de uma estância jesuítica, as características de construção do prédio central, dos currais e poteiros e uma indicação do que teria sido a instalação das famílias indígenas encarregadas de seu manejo.

## 5 O PASSO DO AFERIDOR

O Passo do Aferidor está representado hoje por um prédio em bom estado de conservação, ocupado pela família do proprietário Altair Leão, duas grandes cercas de pedra, cercas de árvores e de capim caninha, que delimitam espaços. A localização geográfica é  $29^{\circ}27'00.83''\text{S} - 56^{\circ}45'46.14''\text{W}$ , município de Uruguaiana.

A localidade em que se encontram as estruturas é delimitada pelo Rio Uruguai, o Rio Ibicuí, o arroio Puitã e a BR 472.

Elas se encontram num alto, depois de uma planície de inundação do Rio Uruguai, distando uns mil metros da “Ilha de Yapeyú”, junto à qual o rio oferece um vau, que podia ser usado para transferência de gado entre o *pueblo*, da margem direita, e as estâncias, da margem esquerda.

Satélite imagem 7: Localização do sítio Passo do Aferidor; em sua frente a ilha de Yapeyú e o pueblo. A montante do Rio Uruguai, no canto superior direito, vê-se a foz do Rio Ibicuí.



Fonte: Google Earth.

Na planície de inundação formaram-se áreas alagadas como banhados e pequenas lagoas. As instalações ficam em terreno um pouco mais elevado, cuja borda é marcada por estreita e densa mata. O acesso ao rio, superando a mata e as barrancas, é possível em lugares limpos e em passagens no mato.

O Sr. Altair Leão, proprietário, residente na casa de pedra, sobrevive do cultivo de hortaliças e da pesca no Rio Uruguai, mas arrenda pequenas frações de seu campo para a criação de gado e para o cultivo de arroz.

Este fracionamento do terreno interferiu nas estruturas externas da antiga instituição. Delas, entretanto, sobram duas grandes cercas de pedra, que partem dos fundos da casa, a do lado direito da casa com seiscentos metros de comprimento, a do lado esquerdo com 160 m. Além das cercas de pedra existem repartições feitas com árvores ou capim caninha, como se pode ver na imagem de satélite 8.

Satélite imagem 8: Sítio Passo do Aferidor.



Fonte: Google Earth.

O prédio é totalmente de pedra basáltica, de origem local. Ele se compõe de três espaços fechados que servem de residência para o proprietário e dois prolongamentos, dos quais só existiam, por ocasião das primeiras visitas, as fundações ou a parte inferior da parede.

Nas primeiras visitas realizadas ao sítio, nos anos de 2005 e 2007, o telhado ainda era de capim caninha e o prédio tinha poucas alterações. A partir de 2011 o prédio passou por significativas mudanças, uma delas a substituição do telhado de capim caninha por telhas de

amianto. Essa substituição foi justificada pela família proprietária alegando que o telhado de capim não oferecia conforto, especialmente no inverno, deixando a casa muito fria.

O interior do prédio também sofreu significativas alterações para garantir um mínimo de conforto para a família, como reboco nas paredes e cerâmica no piso. Por respeito aos moradores não se fez a análise desse interior.

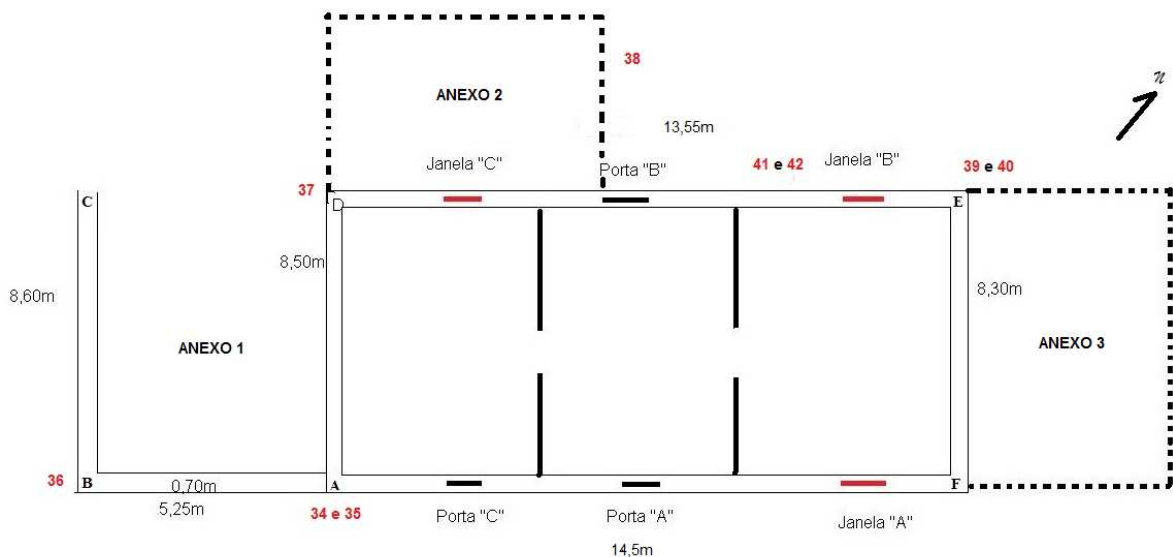
As paredes externas continuam com a visão original, de pedras basálticas de tamanhos variados, umas sobre as outras, sem argamassa. A filha do proprietário queria rebocar também a parede externa do prédio, mas o esposo não permitiu.

Algumas aberturas passaram por uma recomposição, especialmente os umbrais de algumas portas, que foram rebocados e na parede de fundo foi aberta pequena janela basculante para o banheiro da casa. As janelas mantêm marcos e tampos de madeira, que podem ser originais.

Como na Estância Santiago, não houve intervenções no solo, apenas observações, fotografias digitais e imagens de satélite.

O croqui mostra a organização do espaço com a apresentação das fotografias, no sentido horário.

Croqui 3: Planta do prédio de pedra no Passo do Aferidor.



Fonte: Do próprio autor.

O prédio está voltado para o sudeste. Ele tem 14,5 m de comprimento de frente por 8,50 m de largura na parede sudoeste e 8,30 m na parede noroeste. O fundo mede 13,55 m. Na



parede da frente existem atualmente duas portas e uma janela; na parede do fundo, uma porta e duas janelas originais e uma nova para o banheiro da casa; as paredes laterais não têm aberturas.

No lado direito, no esquerdo e no fundo havia acréscimos ou apêndices dos quais sobravam apenas baixos muros de pedra ou fundamentos.

Fotografia 34: Vista da frente do prédio e coluna F.



Fotografia do autor.

Fotografia 35: Vista parcial da frente do prédio com duas portas, com os marcos rebocados. No canto esquerdo, a mureta de pedra do primeiro anexo.



Fotografia do autor.

Fotografia 36: Mureta do primeiro anexo.



Fotografia do autor.

Esta mureta mede 5,25 m de comprimento por um metro de altura, com largura de 70 cm. Ela fecha em ângulo reto com um novo muro que fica paralelo à parede sudeste e tem um comprimento de 8,60 m por 1,20 m de altura. A mureta provavelmente serviria de base para uma parede de adobe. No encontro com a parede do prédio vê-se clara descontinuidade construtiva, indicando que esta parte é posterior.

Fotografia 37: Esquina reforçada da mureta no encontro com a parede transversal.



Fotografia do autor.

Fotografia 38: Fundo do primeiro anexo, parede lateral e fundos do prédio.



Fotografia do autor.

Da direita para a esquerda na foto:

O anexo 1 é fechado pela parede da casa, a mureta da frente e a mureta transversal, mas o fundo aparece aberto; junto à esquina da casa existe um pequeno aglomerado de pedras que poderiam ser a base de uma parede de pau a pique, ou de outro material que não se conservou (na mesma posição com relação ao prédio existe, na Estância Santiago, uma parede de taipa de pilão). Na parte interna desse espaço, o piso está rebaixado, expondo as bases da parede do prédio. Algumas vezes os atuais ocupantes do prédio utilizam este local como área de descarte de material.

A parede do prédio mostra o reforço das esquinas e o preenchimento do restante com pedras irregulares.

Na parede do fundo da casa são vistas uma porta e duas janelas originais e a pequena basculante.

Na continuação da parede lateral do prédio percebem-se os fundamentos de pedra que são paralelos aos que saem junto da porta do fundo e formam um espaço retangular cercado (anexo 2); nas reduções, esta é a posição da horta dos padres (ver figura 1 no capítulo 1).

Fotografia 39: O fundo do prédio com uma porta e uma janela originais.



Fotografia do autor.

Entre elas se abriu uma pequena janela basculante para o banheiro da família. No lado direito da foto, saindo de junto da porta, os fundamentos do que poderia ser a horta (anexo 2).

Fotografia 40: Anexo 3 com a parede noroeste do prédio.



Fotografia do autor.

A terceira extensão do prédio apresenta uma base em pedra em três lados, fechando com a parede do prédio e um piso nivelado com o da casa.

Fotografia 41: O espaço da foto anterior



Fotografia do autor.

O anexo 3 foi coberto e transformado, depois da primeira visita, em garagem e oficina para pequenos consertos. A esquina do prédio mostra o reforço do ângulo e a parede com preenchimento irregular de pedras. A abertura da janela é original.

Fotografia 42: Parede do fundo, mostrando a típica forma de construção das reduções: uma base de pedra sobre a qual se constrói um muro de pedra, como na foto, ou um muro de adobe, como é sugerido para o anexo 1.



Fotografia do autor.

Na Estância Santiago, as ruínas do prédio preservaram apenas estas bases, sobre as quais terá havido paredes de adobe.

Segundo Furlong (1962, p. 237-238), os *pueblos* guaranis realizaram uma transformação significativa no estilo de construção de suas casas, passando de choças, feitas de canas revestidas com barro, para estruturas renovadas e modernas entre os anos de 1660 e 1725.

**al presente son muy cómodos de materiales más consistentes, y de duración. Con la piedra, y barro, llamado “ñau”, hacen una unión como pudiera la cal, que falta en las reducciones. Unas casas son de piedra y barro; otras de ladrillos, y de adobes, y todas techadas de tejas, son todas iguales, y ninguna de alto. Las puertas labradas de buenas maderas. No tienen chimeneas, porque el indio no se acomoda bien con esta especie de hogares; en medio del pavimento está el fuego, y así calienta a todos (FURLONG, 1962, p. 238, sem grifo no original).**

Fotografia 43: Fundos do prédio, com o telhado ainda feito de capim caninha e os marcos das aberturas ainda originais. Registro fotográfico do ano de 2006.



Fonte: Fotografado pelo autor.

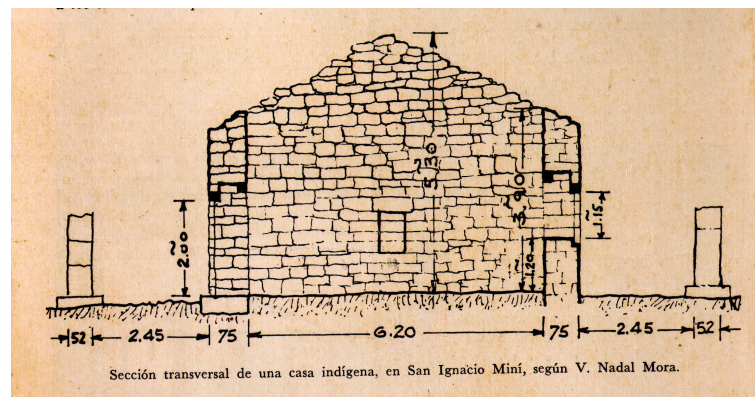
Furlong descreve como eram as casas nas reduções.

La base de las casas aún existentes, asevera que ellas medían en su mayoría 5 metros por 5,70 metros; tenían puertas y ventanas sobre las galerías, y el espesor de sus paredes no bajaba de 0,80 metros. En cuanto a la materia de su construcción, constaban todas (las vistas e examinadas por Capdville), de

una piedra labrada cuyos bloques rectangulares miden más o menos en su generalidad 0,64 de largo por 0,20 de ancho y 0,16 de espesor. Esa piedra que encontramos en varias reducciones es singular por su naturaleza y por su resistencia; es una piedra arenisca y blanda; en apariencia uno diría que es obra de arte y no de la naturaleza y los profanos en arquitectura se preguntan cómo esa piedra podía sostener sin pulverizarse, las moles imponentes que los Jesuitas edificaban, principalmente las iglesias... No lejos de Jesús, a orillas del Cambay, se ve todavía la cantera de donde los jesuitas sacaban esa piedra que ya no se utiliza más en aquellas construcciones (FURLONG, 1962, p. 239).

Tanto no Passo do Aferidor como na Estância Santiago, os materiais para a construção das casas são de basalto disponível no lugar.

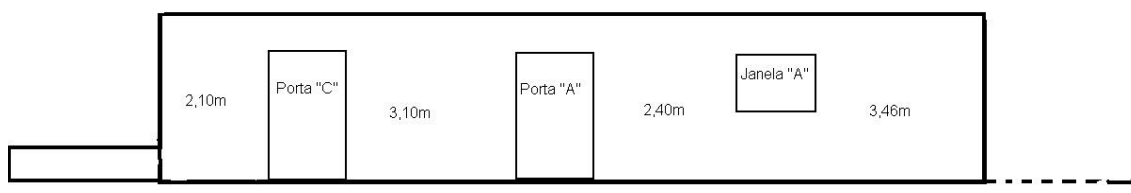
Figura 2: Medida das casas missioneiras.



Fonte: FURLONG, 1962, p. 240.

As dimensões relatadas por Furlong não diferem muito das encontradas no prédio do Passo do Aferidor. Vale a pena registrá-las.

Croqui 4: Frente do prédio.

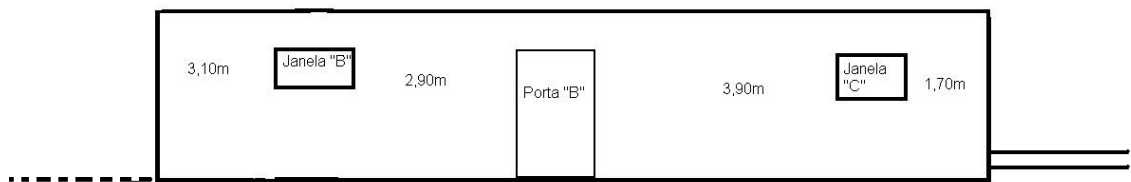


Fonte: Do próprio autor.

A frente da casa tem uma extensão de 14,5 m, continuada no lado esquerdo por um muro de pedra, com as mesmas dimensões de pedra da casa, medindo 5,25 m de comprimento e 0,70 m de espessura.

Do canto “A” até a porta “C”, a parede mede 2,10 m; o vão da porta “C” mede 1,08 m de largura e 2,08 m de altura; do marco direito da porta “C” ao marco esquerdo da porta “A”, a parede mede 3,10 m, tendo a porta “A” um vão de 1,15 m de largura por 2,08 m de altura; do marco direito da porta “A” até o marco esquerdo da janela “A”, a parede mede 2,40 m, e a dimensão da janela “A” é de 1,25 m de altura por 1,00 m de largura; dista 1,10 m do chão. O marco direito da Janela “A” até o canto “F” mede 3,46 m.

Croqui 5: Fundos do prédio.



Fonte: Do próprio autor.

O fundo da casa tem duas janelas originais que medem 0,80 m de largura por 0,60 m de altura e distam 0,80 m do chão. A medição deste lado da casa foi feita do canto “E” para o canto “D” do prédio. Do canto “E” até o marco esquerdo da janela “B” são 3,10 m; o vão da janela mede 0,80 m e 0,60 m de altura; do marco direito da janela “B” até o marco esquerdo da porta “B”, são 2,90 m; a porta tem 1,15 m de largura, por 1,65 m de altura; do marco direito da porta “B” até o lado esquerdo da janela “C” são 3,90 m; a janela tem 0,80 m de largura e 0,60 m de altura; do marco direito da janela “C” até o canto “D” da casa, há uma distância de 1,70 m.

As alturas dos quatro cantos do prédio também foram medidas: o canto “A” mede 2,80 m; o canto “F” mede 2,77 m; o canto “E” mede 2,00 m; o canto “D” mede 2,22 m. Os cantos “A” e “F” correspondem à frente da casa e os cantos “E” e “D”, aos fundos.

O prédio está distante de nascentes, banhados e arroios. Abundância de água haveria só na planície costeira e no Rio Uruguai.

Hoje existe um poço murado de aproximadamente 35 m de profundidade, a 75 m, em uma parte baixa do terreno, no lado esquerdo da casa (imagem de satélite 6, indicador azul). É o que abastece os atuais moradores.



Fotografia 44: Poço no campo da frente do prédio.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Existem duas cercas de pedra que partem da casa e parecem ligadas a recintos fechados. A primeira, na imagem de satélite 6 (indicadores brancos do centro e alto da imagem), começa 45 m atrás da casa e se estende por seiscentos metros; ela se encontra protegida por árvores baixas. Ela, na maior parte de sua extensão, não tem mais de um metro de altura. Em alguns locais ela não está representada por mais que algumas pedras na superfície do solo, às vezes debaixo de árvores, ou em campo aberto. Ela se perde dentro de um mato fechado, de árvores baixas, com grande quantidade de galhos e cipós, que a substituiriam na formação do limite. Ela não apresenta nenhum ponto de convergência e hoje desaparece no meio do campo.

Fotografia 45: No centro da foto aparece o prédio; à direita, protegida pela mata, a primeira cerca de pedra.



Fonte: Fotografado pelo autor.

A segunda cerca de pedra, na imagem de satélite 6 (indicadores brancos na parte inferior da imagem), começa a 13,5 m de outro lado da casa e se estende por 160 metros, com uma largura entre 0,70 m e um metro.

Fotografia 46: Vista da segunda cerca de pedra.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Fotografia 47: Construção da primeira cerca de pedra.



Fonte: Fotografado pelo autor.

As cercas são feitas com blocos arredondados irregularmente sobrepostos.

A imagem de satélite mostra mais claramente a disposição de outras cercas. O indicador verde assinala cercas feitas com árvores, o indicador lilás, uma cerca de capim caninha.

Fotografia 48: Recinto fechado por árvores, no fundo da casa.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Fotografia 49: Cerca formada por capim caninha, vestígio de antigo cercado.



Fonte: Fotografado pelo autor.

A cerca de capim caninha já não oferece barreira para o gado, mas pode ser vestígio de uma antiga cerca.

A transposição do gado reunido nos cercados do Passo do Aferidor para a planície de inundação na frente da ilha de Yapeyú seria por caminhos que cruzavam por meio das árvores.

Fotografia 50: Acesso dos cercados de cima para planície de inundação do Rio Uruguai.



Fonte: Fotografado pelo autor.

Fotografia 51: Pastos da planície de inundação, tendo à frente a Ilha de Yapeyú e o vau do Rio Uruguai.



Fonte: Fotografado pelo autor.

A informação existente sobre o Passo do Aferidor é que ele seria o ponto de administração da estância da margem oriental e da comercialização de seu gado. A casa era maior e mais resistente e poderia até dispor de uma horta.

Na proximidade da casa não se percebem currais para manejo de gado como na Estância Santiago, mas espaços com delimitação feita por cercas de pedra, faixas de árvores e linhas de capim caninha para manter, por algum tempo, o gado destinado ao comércio.

O Passo do Aferidor e a Estância Santiago pertencem ao mesmo projeto de criação de gado, mas com funções diferentes: a Estância, destinada à criação e manejo primário; o Aferidor, lugar de controle de entrada e saída desse gado. Eles possuem elementos comuns, que se manifestam na forma e técnica de construção: um prédio administrativo acompanhado de espaços para manejo de gado, que podem ser currais e poteiros delimitados por taipas, valos, cursos de água, matos ou capim caninha.

A casa de administração do Passo do Aferidor, com três espaços internos, é feita em pedra, com exceção do anexo 1, com parede de adobe e do anexo 3, cuja estrutura original se desconhece. A casa de administração da Estância Santiago, com dois espaços internos, sem anexos, tem as paredes com base de pedras e o restante de adobe. Ambas foram construídas com a tradicional técnica missioneira e originalmente cobertas de capim.

Os cercados para manejo do gado, em função de negociação, no Aferidor, são muros de pedra, além de cercas formadas por árvores e capim caninha. Os cercados para criação

primária de gado e seu manejo, na Estância Santiago, são currais com bases de pedra e provavelmente estacadas de troncos, além de grandes poteiros cercados por valos de água, pelo arroio Puitã e suplementarmente por cercas de pedra. Ambas as instituições representam grande investimento e longa permanência.

As edificações que permanecem representam as instalações centrais dos empreendimentos, mas não nos permitem uma imagem das benfeitorias percíveis que abrigariam a maior parte dos moradores e grande parcela das atividades cotidianas das instituições.

## 6 CONCLUSÃO

O objeto da pesquisa são duas instituições da estância missioneira de Yapeyú: a Estância Santiago, lugar de criação de gado, e o Passo do Aferidor, o lugar de sua negociação. O objetivo foi estudar, descrever, documentar e compreender as estruturas materiais conservadas. O método é arqueológico, de superfície, sem intervir nas estruturas e no solo, mas trabalhando com observação, fotos digitais e imagens de satélite. A relevância do trabalho está no fato de que ele é o primeiro estudo arqueológico de uma estância missioneira, com a vantagem de que suas estruturas estão suficientemente conservadas para proporcionar uma ideia do que elas teriam sido.

O trabalho foi dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo contou brevemente a história da redução de Yapeyú, fundada em 1627 na margem direita do Rio Uruguay. O segundo mostrou a origem e expansão do gado na margem oriental do Rio Uruguai, sua ligação com a formação da Vacaria do Mar e o estabelecimento das estâncias jesuíticas. A de Yapeyú era a maior, fornecia gado para o seu povoado e vendia para outras reduções. O terceiro capítulo apresentou as instalações da Estância de Santiago, uma das materializações da Estância de Yapeyú. O quarto capítulo mostrou as instalações do Posto do Aferidor, considerado o ponto de venda desse gado. O terceiro e o quarto capítulos mostram o resultado da pesquisa.

A estância Santiago, uma unidade de produção, estava ancorada no arroio Puitã. Tinha uma estrutura consolidada com casa-sede e, junto a esta, três currais e três grandes poteiros cercados para manejo do gado; na frente da casa, um espaço para as relações externas. A casa-sede tinha os fundamentos e parte inferior das paredes de pedra, o restante das paredes de adobe e o telhado de palha. Os currais tinham paredes que teriam sido de estacadas de troncos com bases e esquinas reforçadas por blocos. Os poteiros eram limitados por valos contendo água, o arroio Puitã, pequenos bosques e eventuais muros de pedra. A Estância Santiago ocupava grande superfície no interior, em espaço de bons pastos e a água abundante no arroio Puitã; certamente ali morava um administrador. As instalações da casa são simples, mas as estruturas de manejo do gado são complexas, sólidas e de grande investimento.

O Passo do Aferidor, a unidade de negociação do gado da estância, tinha uma casa-sede maior, toda construída em pedra, com dois anexos, um com bases de pedra e paredes de adobe, o outro sem estrutura conhecida. Atrás da casa, na localização tradicional, provavelmente havia uma horta. Partindo dos lados da casa, uma cerca de pedra de quase

oitocentos metros. Esta cerca, junto com fileiras de árvores e de capim caninha, delimitava recintos destinados à encerra de tropas de gado enquanto esperavam a transferência para o povoado ou a venda para alguma redução. O Passo do Aferidor ficava na proximidade do rio, frente ao passo pelo qual se transferia o gado para o povoado da outra margem. Nele moraria o administrador de todo o gado da Estância de Yapeyú, ou por ela passaria mais frequentemente.

A Estância Santiago e o Passo do Aferidor pertencem ao mesmo projeto de criação de gado, mas com funções diferentes: a Estância, destinada à criação e manejo primário; o Aferidor, lugar de controle de entrada e saída desse gado. Eles possuem elementos comuns, que se manifestam na forma e técnica de construção: um prédio administrativo acompanhado de espaços para manejo de gado, que podem ser currais e poteiros delimitados por taipas, valos, cursos de água, matos ou capim caninha.

As edificações que permanecem representam as instalações centrais dos empreendimentos, como teriam existido por ocasião da expulsão dos jesuítas, em 1768. Elas não permitem uma imagem das benfeitorias perecíveis que abrigariam a maior parte dos moradores e onde se realizaria grande parcela das atividades cotidianas das instituições.

O trabalho mostra, finalmente, que a arqueologia de superfície, com uso de observação, fotos digitais e imagens de satélite, sem intervenção nas estruturas e no solo, pode produzir resultados apreciáveis quando o objeto de estudo encontra-se suficiente preservado.



## BIBLIOGRAFIA

BECKER, Ítala Irene Basile. **Os Índios Charrua e Minuano na Antiga Banda Oriental do Uruguai**. Porto Alegre: PUCRS, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Curso de Pós-Graduação em História da Cultura, 1982.

BRUXEL, Arnaldo. **Los treinta pueblos guaranies**. Posadas Misiones, Argentina: Montoya, 1984.

\_\_\_\_\_. O gado na antiga banda oriental do Uruguai - I Parte. **Pesquisas nº 13**. Porto Alegre: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1960.

\_\_\_\_\_. O gado na antiga banda oriental do Uruguai - II Parte. **Pesquisas nº 14**. Porto Alegre: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1961.

\_\_\_\_\_. O sistema de Propriedade das reduções guaraníticas. **Pesquisas nº 3**. Porto Alegre: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1959.

CARBONELL DE MASY, R. **La Génesis de las vaquerías de los pueblos Tapes y Guaraníes de la Banda Oriental del Uruguay a la luz de documentación inédita, apenas conocida**. Pesquisa nº 27. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisa, 1989.

\_\_\_\_\_. **Estrategias de desarrollo rural en los pueblos Guaranies (1609-1767)**. Barcelona: Antoni Bosh, Instituto de Cooperación Iberoamericana, Instituto de Estudios Fiscales, 1992.

CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY, CHILE Y TUCUMÁN, DE LA COMPAÑIA DE JESUS (1615 - 1637). **Documentos para la História Argentina** - Tomo XX - Iglesias. Buenos Aires: Faculdade de Filosofia y Letras, Instituto de Investigaciones Históricas, 1929.

CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY - Año 1735-1743. Traducción de Carlos Leonhardt, SJ. Buenos Aires-RA, 1928. (Transcrição) São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisa - UNISINOS, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. DA LUZ, José Baptista. **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1962.

FRANZEN, Beatriz Vasconcelos; FLECK, Eliane Cristina Deckmann; MARTINS, Maria Cristina Bohn (Organização, Introdução e Notas). **Cartas Ânua da Província Jesuítica do Paraguai – 1659-1662**. Cuiabá: Ed. da UFMT, OIKOS; São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2008.

FURLONG, Guillermo. **Cartografía Jesuítica del rio de la Plata**. Buenos Aires: Instituto de Investigaciones Históricas de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Nacional, 1936.

\_\_\_\_\_. **Misiones y sus Pueblos de Guaranies**. Buenos Aires: Ediciones Theoria, 1962.

GOMES, Flamarion Freire da Fontoura. **Aspectos da Cultura Material e Espacialidade na Estância Velha do Jarau (1828-1905)**. Um estudo de caso em Arqueologia Histórica Rural. Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001.

JAEGER, Luiz Gonzaga. **A Família Guarani Cristianizada**. Porto Alegre: Oficina Gráfica da Livraria do Globo, 1937.

\_\_\_\_\_. **História da Introdução do Gado no Rio Grande do Sul – 1634**. Ed. Of. Gráfica da Imprensa Oficial. Porto Alegre-RS. 1943.

KERN, Arno Alvarez; JACKSON, Robert. **Missões Ibéricas e coloniais: da Califórnia ao Prata**. Porto Alegre: Palier, 2006.

LABOUGLE, Raul. La expulsion de los jesuítas en la gobernacion del rio de la Plata. In: **Litigios de antaño**. Buenos Aires: Direccion de Publicaciones Del Instituto Nacional Sanmartiniano, 1978.

MAEDER, Ernesto J. A.; GUTIERREZ, Ramon. **Atlas Histórico del Nordeste Argentino**. Resistencia, Chaco, Argentina: Instituto de Investigaciones Geohistóricas, Conicet-Fundanord, Universidad Nacional del Nordeste, 1995.

MAEDER, Ernesto J.A. **O original desenvolvimento demográfico e espacial das missões Guarani (1640-1807)**. RODRIGUES, Luiz Fernando Medeiros. HARRES, Marluza Marques. (ORG). A experiência Missioneira: território, Cultura e identidade. São Leopoldo: Ed. Casa Leiria, 2012.

MÖRNER, Magnus. **Os Jesuítas espanhóis, as suas Missões Guarani e a Rivalidade Luso-Espanhola pela Banda Oriental, 1715-1731**. Separata da Revista Portuguesa de História. Volume IX. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Instituto de Estudos Históricos Doutor António de Vasconcelos, 1961.

\_\_\_\_\_. **Actividades Políticas y económicas de los jesuitas em el rio de La Plata. La era de los Habsburgos**. Buenos Aires: Paidós, 1968.

SALIS, Eurico. **Rio Grande do Sul: o solo e o homem**. Porto Alegre: Edição do autor, 2013.

VADELL, Natálio Abel. **La estancia de Yapeyú: Sus orígenes y antecedentes, y la existência de misiones de esse Pueblo em la Banda Oriental**. Buenos Aires: Ed. Direccion de Publicaciones Del Instituto Nacional Sanmartiniano, 1978.